



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**AS POTENCIALIDADES DA REPORTAGEM NO
WEBJORNALISMO: O CASO DO OBSERVADOR**

DOUGLAS OLIVEIRA MOTA

RIO DE JANEIRO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**AS POTENCIALIDADES DA REPORTAGEM NO
WEBJORNALISMO: O CASO DO OBSERVADOR**

Monografia submetida à Banca de Graduação como requisito
para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

DOUGLAS OLIVEIRA MOTA

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Nóra Pacheco Latini

RIO DE JANEIRO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **As potencialidades da reportagem no webjornalismo: o caso do Observador**, elaborada por Douglas Oliveira Mota.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Nóra Pacheco Latini
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

MOTA, Douglas Oliveira.

As potencialidades da reportagem no webjornalismo: o caso do Observador. Rio de Janeiro, 2016.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientadora: Gabriela Nóra Pacheco Latini

AGRADEÇO

A Deus, pelo encaminhamento de minha vida até este ápice;

À minha mãe, Janilce, pela dedicação que me manteve vivo e são, mesmo à distância;

À minha avó, Dilca, pelos almoços aos sábados, nos intervalos do curso pré-vestibular;

Ao meu avô, Jacob, pelas caronas até a estação de trem, caminho até a capital;

Aos professores do Colégio Estadual São Cristóvão, pelo acompanhamento quase familiar que me ofereceram de 2005 a 2011;

Aos professores do Pré-Vestibular Social, pelas aulas divertidas que terminaram de pavimentar meu caminho até a graduação;

Aos professores da Escola de Comunicação, responsáveis por minha maior transformação em vida;

Ao Fábio Lau, meu primeiro editor, em Conexão Jornalismo, por ter plantado a semente deste trabalho ao provocar a discussão sobre maneiras de gerar mercado de trabalho para nós jornalistas;

Ao Mario Toledo, por ter permitido meu ingresso nas redações de O Globo e Extra e acompanhado minha evolução;

Ao Gustavo Villela, pelas oportunidades que me permitiram crescer ainda mais na profissão;

Aos meus colegas, pelas reflexões sobre o futuro profissional provocadas ao longo destes quatro anos;

À minha orientadora, Gabriela Nóra, pela paciência em lidar com alguém que não se entendia com a escrita acadêmica;

E à Universidade do Brasil que, entre altos e baixos, me proporcionou uma formação ímpar.

MOTA, Douglas Oliveira. **As potencialidades da reportagem no webjornalismo: o caso do Observador**. Orientadora: Gabriela Nóra Pacheco Latini. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO.
Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho propõe uma verificação das potencialidades das reportagens publicadas na Internet, tendo como estudo de caso o webjornal português Observador. Com base nos estilos deste gênero jornalístico e do uso de recursos próprios da Internet por parte da publicação, pretende-se observar como as novas tecnologias contribuem para difusão de informações com profundidade, em contraponto à visão de que à Internet só cabe propagar notícias e conteúdo de leitura corriqueira. Para isso, um breve histórico do gênero reportagem é apresentado, seguido de uma listagem dos gêneros propostos pela Academia. Em seguida, o surgimento da Web e sua apropriação pelas redações é contada sucintamente. Neste capítulo, também é apresentado um conjunto das principais ferramentas para uso jornalístico que surgiram durante essa evolução.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO

2. A REPORTAGEM

- 2.1. Da notícia à reportagem
- 2.2. Modelos de reportagem
- 2.3. A interseção entre jornalismo e literatura
- 2.4. A pirâmide reinvertida

3. WEBJORNALISMO: UMA REVOLUÇÃO?

- 3.1. Os primeiros passos do jornalismo na grande rede
- 3.2. Jornalismo *online*, digital ou webjornalismo?
- 3.3. A evolução dos anos 1990 à primeira década do século XXI
- 3.4. Características do webjornalismo
- 3.5. Novas posições para a pirâmide na WEB
- 3.6. Infografia, dados e o enriquecimento do texto
- 3.7. Um jornalismo devagar

4. O OBSERVADOR E AS POTENCIALIDADES DA REPORTAGEM NA WEB

- 4.1. Especiais
- 4.2. Explicadores
- 4.3. Vídeos
- 4.4. O uso da infografia
- 4.5. *Fact checking* e a cobertura eleitoral

5. CONCLUSÃO

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. INTRODUÇÃO

Quando passa um furacão ou um tsunami, o estrago no ambiente afetado pode ser mais ou menos grave de acordo com a proteção dos corpos presentes. Porém, os estragos podem durar para muito além do término das catástrofes, a depender da vontade e dos recursos que são disponibilizados para recuperar a região. No tufão informacional trazido pelos adventos das novas tecnologias, sobretudo a Internet, o jornalismo é como uma casa de taipa: uma das construções mais voláteis às perturbações, naturais ou não.

É inegável o impacto causado na imprensa escrita provocado pela evolução dos meios de comunicação nas últimas duas décadas. Circulação de jornais e revistas em queda, fechamento publicações, “passaralhos” – como são chamadas as demissões em massa nas redações brasileiras –, *aparente* desinteresse por informação aprofundada, competição desleal com conteúdos do entretenimento... Do ponto de vista de alguém afetado negativamente por essas mudanças, pode parecer não haver um farol no horizonte.

A razão de quem acredita na morte lenta do jornalismo, ou pelo menos da mídia impresa, é embasada. A Editora Abril, empresa integrante do segundo maior grupo de comunicação do Brasil, foi quem mais demitiu jornalistas desde 2012, segundo um levantamento realizado por Sérgio Spagnuolo e o projeto de jornalismo de dados Volt Data Lab¹. Em 2014, a quantidade de desligamentos ultrapassou a de contratações.

Os grandes conglomerados foram os que mais dispensaram, e nessa conta, entram também emissoras de rádio e televisão e até portais da Internet, com foco no Terra, pertencente à companhia de telecomunicações espanhola Telefonica. A estratégia adotada pelo site foi de quase abolir a produção de conteúdo próprio para agregar notícias de agências e sites menores parceiros.

Eu mesmo presenciei dois passaralhos no segundo maior jornal do país, O Globo. O iG, outro grande portal brasileiro, foi vendido pelo grupo português Ongoing, que passa por dificuldades financeiras na matriz². A empresa publicava o jornal Brasil Econômico, fechado em 2015³, e mantém os populares O Dia e Meia Hora, no Rio de Janeiro. Mas, segundo informações

¹ Disponível em <https://medium.com/volt-data-lab/a-conta-dos-passaralhos-953e7e254d4a> Acesso em 18/02/2016

² Disponível em <http://observador.pt/especiais/ongoing-tudo-a-pt-deu-e-tudo-a-pt-levou/> Acesso em 18/02/2016

³ Disponível em <http://epoca.globo.com/tempo/expresso/noticia/2015/07/ejesa-anuncia-funcionarios-o-fim-do-jornal-brasil-economico.html> Acesso em 18/02/2016

de bastidores, os títulos poderão ser vendidos⁴. O Jornal do Brasil, outrora o mais respeitado da nação, foi arrendado em 2000, perdeu sua versão impressa em 2010 e, em março de 2016, está previsto um novo leilão⁵. Há de se admitir que, neste caso, o problema principal era a má-gestão empresarial.

Em uma outra realidade, porém, o New York Times voltou a contratar graças ao sucesso das assinaturas digitais⁶. O Independent, da Inglaterra, se tornará o primeiro jornalão britânico a migrar para o digital prometendo oferecer conteúdo de qualidade⁷, mas com cortes de pessoal. O ambiente em que se encontra essa profissão secular é violento e imprevisível. Se tamanha turbulência será capaz de derrubar esse avião, é provável que ninguém tenha essa reposta. Entretanto, esse trabalho se entrega à procura por bons exemplos que remam contra o fluxo apocalíptico.

No oceano de novos sites e projetos jornalísticos digitais, o português Observador foi escolhido. Trata-se de uma iniciativa de fudada em 2014 que está em fase de crescimento. A proposta não é apontar a bote salva-vidas que conseguirá garantir a vida de toda uma profissão a nível global, mas focar em modos de produção jornalística constantes e sustentáveis, geridos por uma equipe que se expandiu desde a criação do projeto.

O Observador, por algum tempo, foi um dos únicos jornais digitais com a proposta que vai além de replicar notícias prontas em língua portuguesa. Além disso, o contexto em que se insere se assemelha ao brasileiro. A Newshold, empresa que publica o diário i e o semanário Sol demitiu dois terços de seus trabalhadores em 2015⁸. Situações parecidas também foram noticiadas no Público⁹ e na Controlinveste¹⁰, que controla o Diário de Notícias e outros jornais e rádios em Portugal.

⁴ Disponível em <http://epoca.globo.com/tempo/expresso/noticia/2016/02/grupo-ejesaongoing-sonha-em-se-desfazer-dos-jornais-o-dia-e-meia-hora.html> Acesso em 18/02/2016

⁵ Disponível em <http://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/marca-jornal-do-brasil-sera-leiload.html> Acesso em 19/02/2016

⁶ Disponível em <http://oglobo.globo.com/economia/negocios/lucro-do-new-york-times-cresce-com-avanco-de-assinaturas-digitais-18610712> Acesso em 19/02/2016

⁷ Disponível em [The Independent becomes the first national newspaper to embrace a global, digital-only future | Press | News | The Independent](http://www.the-independent.com/news/the-independent-becomes-the-first-national-newspaper-to-embrace-a-global-digital-only-future) Acesso em 19/02/2016

⁸ Disponível em <http://observador.pt/2015/11/30/jornais-sol-e-i-newshold-sai-e-despede-23-dos-trabalhadores-e-baixa-salarios/> Acesso em 19/02/2016

⁹ Disponível em <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2015-12-10-Jornal-Publico-abre-programa-de-rescisoes-com-trabalhadores> Acesso em 19/02/2016

¹⁰ Disponível em <http://observador.pt/2014/06/11/controlinveste-vai-despedir-140-trabalhadores-e-negociar-saida-de-mais-20/> Acesso em 19/02/2016

A partir do momento em que a mão-de-obra é dispensada, a redação abre mão de qualidade, afinal, não se faz reportagem sem repórter. Com esse norte, a abordagem segue com um estudo do mais jornalístico dos gêneros. Num primeiro momento, tenta-se separar a reportagem da notícia, partindo do pressuposto de que a segunda é uma evolução da primeira, e conta com mais aprofundamento, elaboração mais demorada e menor dependência do factual. Um breve histórico é apresentado, de modo a acompanhar algumas das mudanças mais notáveis desde a Era Moderna no caráter do texto jornalístico.

Do estilo panfletário, os jornais passam a focar na objetividade, tornam-se empresas, passaram a ser lidos por grupos cada vez maiores de pessoas. A demanda desses leitores é crescente, conforme aponta o jornalista Alberto Dines, forçando os diários a publicarem matérias mais caprichadas: as reportagens, em que predominam o estilo narrativo e nascem diversos modelos.

Utiliza-se a bibliografia de Maria Helena Ferrari, Muniz Sodré, Nilson Lage, Dione Moura, Conceição Kindermann e outros para mapear os modelos principais do gênero, detectando eventuais interseções entre eles. Acrescenta-se à listagem as possibilidades de planos de texto e os aspectos que o jornalismo herda da literatura. Do cruzamento entre as duas instâncias, nascem mais estilos, híbridos, que vão da reportagem-crônica aos livros-reportagem.

Em seguida, conceitos do teórico Adelmo Genro Filho relativos à hierarquização de informações são explicados. A pirâmide invertida é ofuscada quando o autor defende que a forma geométrica, que representa a unidade básica da notícia, deve permanecer de pé, sendo o topo a representação do singular e a base, do particular. E quanto mais larga essa parte, mais informações são incluídas ao contexto, caracterizando uma reportagem.

O segundo capítulo é dedicado às novas mídias incorporadas ao jornalismo, resultando no webjornalismo. A questão da suposta revolução promovida pela grande rede é problematizada, seguida de um quadro sucinto que apresenta um conjunto de tecnologias que possibilitaram a propagação da Internet globo a fora desde os anos 1980. Quem foram os primeiros jornais a usá-la nos Estados Unidos, no Brasil e em Portugal? E por que este trabalho escolheu o termo webjornalismo, em vez de jornalismo *online*, digital ou eletrônico? Tais questões são respondidas nos primeiros tópicos, com base em bibliografia nacional e portuguesa e de outros países.

Logo depois, alguns dos recursos e ferramentas mais importantes que nasceram durante esse processo evolutivo são citados e divididos em três fases do webjornalismo, seguindo a pesquisa de autores como Luciana Mielniczuk e Marcos Palacios. Eles e outros mais ajudam a listar também as características do webjornalismo, das quais são selecionadas as que se encaixam no gênero reportagem: multimidialidade, hipertextualidade e memória.

Desta vez, outra pirâmide jornalística é proposta por João Canavilhas para o jornalismo na WEB: a deitada, dividida em níveis de informação. Nessa parte, também é discutida a atualidade dos conceitos de Adelmo Genro Filho, transpostos da década de 1980 para o século XXI. Nesse contexto, os horizontes de um jornalismo mais aprofundado na web são expostos levando em conta as possibilidades que a tecnologia permite, como acréscimo de material multimídia.

Um desses caminhos pode ser a infografia e o uso de base de dados para construir reportagens. A soma do hipertexto com a multimidialidade permite não só publicar peças gráficas informativas que facilitam o entendimento de determinados dados, como todo o processo de apuração e produção é facilitado pela relativa facilidade de acesso a *softwares* e arquivos com as informações.

A herança do jornalismo literário vem a seguir, na forma do digital *slow journalism*, focado em textos mais longos e trabalhados, que visam ir bem mais além da notícia, aproveitando um ambiente de leitura favorável fornecido por algumas plataformas. Um exemplo de sucesso é a “Snow Fall”, do The New York Times, que se mostrou um marco no webjornalismo e na popularização da navegação paralaxe, propícia para textos mais longos acompanhados de imagens estáticas e em movimento.

Por fim, vêm o Observador e as potencialidades que oferece à reportagem na web. O jornal lusitano é descrito para, então, ter início a exploração dos diversos modelos de reportagens que são produzidas. Os *especiais* são matérias *long-form*, que geralmente utilizam mais as possibilidades da web. Os *explicadores*, por sua vez, têm uma proposta enciclopédica sobre vários assuntos e utilizam uma outra ordem de leitura. Os vídeos são produzidos com uma alta frequência e alguns dos programas oferecem reportagens factuais e explicativas. Os infográficos produzidos pelos designers do jornal e por repórteres, utilizando ferramentas externas, também ganham destaque, seguidos pela cobertura especial das eleições em 2015 e 2016.

2. A REPORTAGEM

Do latim, *reportare*: levar de volta (*portare*: levar, carregar; *re*: de volta). Do francês, *rapporter*: contar, relatar. A reportagem é a síntese do trabalho jornalístico. A função de repórter é comumente a porta de entrada de estagiários e recém-formados nas redações. Apesar de o termo remeter ao verbo reportar, - no caso, os fatos - esse estilo jornalístico vai além. O repórter precisa apurar informações, dados e histórias, checá-las e ainda transmitir uma seleção de todo o conteúdo que recebeu ou descobriu de uma maneira agradável ao receptor, seja ele leitor, ouvinte, telespectador ou a mistura dos três: internauta.

2.1. Da notícia à reportagem

A notícia tem, sim, sua importância. Afinal, antes de tecer o contexto e as decorrências de um fato, é necessário sabê-lo. Ela é a “unidade básica da informação do jornalismo”, cujo objeto são os fatos jornalísticos: a menor unidade de significação (GENRO FILHO, 2012, p. 194). Esse elemento, por sua vez, é um recorte no fluxo contínuo, uma parte separada arbitrariamente do todo, segundo o autor gaúcho Adelmo Genro Filho. Portanto, a notícia, tida como “hard news”, seria uma espécie de semente da reportagem.

Complementando a visão do brasileiro, a definição do jornalista e teórico norte-americano Mitchell Charnley considera a notícia como “a informação corrente dos acontecimentos do dia posta ao alcance do público” (CHARNLEY apud FERRARI & SODRÉ, 1986, p. 17). Tanto a notícia quanto a reportagem abastecem a demandas diferentes por parte dos consumidores de informação. Os teóricos Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari definem sucintamente a relação entre os dois estilos, partindo do pressuposto de que o jornalismo produz narrativas:

O desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder (quem, o quê, como, quando, onde, porquê) constituirá de pleno direito uma narrativa, não mais regida pelo imaginário, como na literatura de ficção, mas pela realidade factual do dia-a-dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano que, discursivamente trabalhados, tornam-se reportagem. (FERRARI & SODRÉ, 1986, p. 11)

No entanto, a notícia antecede a reportagem no sentido histórico. Ela faz parte da “economia da atenção” contemporânea, nascida em meados do século XIX, quando um estilo que mesclava fatos com pontos de vista pessoais, o chamado “jornalismo de opinião” ou publicismo “caracterizado pela produção artesanal, pela periodicidade irregular e por textos fortemente polêmicos” (SODRÉ, 2009, p. 25), começa a dar lugar à produção industrial de informações que

abastece a uma demanda massiva de uma nova sociedade que se forma, sobretudo nos centros urbanos. O jornalista Alberto Dines, um dos responsáveis pela modernização da imprensa brasileira nos anos 1960 e 1970, a partir do Jornal do Brasil, explica a origem desse processo:

O homem se informa para sobreviver. [...] A ignorância de certos fatos da vida contemporânea pode ser fatal para o cidadão. [...] O mundo se estrutura de tal forma que o perigo da sobrevivência persiste sempre. Hoje, os desinformados são as primeiras vítimas da luta pela vida. Este é o grito primal do homem contemporâneo: quero saber. (DINES, 1986, p. 68)

A demanda a qual se refere Dines não se deve apenas ao consumo de informação, mas de um modelo informação que seja facilmente digerido pelo leitor, segundo a pesquisadora fluminense Ana Paula Ribeiro. E, conforme produz-se mais, torna-se necessário que a produção de notícias também seja feita no menor tempo possível. Tal padrão factual adotado no jornalismo moderno, de acordo com Maurice Mouillaud, nasce das necessidades das sociedades industriais. Entre elas, está a de um “tráfego de notícias”, que permite a troca de experiências (MOUILLAUD, 2012, p. 85)

A partir desse jogo, o jornal, que antes possuía um caráter predominantemente político-literário, intensifica-se como atividade econômica e adquire um campo de produção empresarial. Nesse processo de transformação, o objetivo da imprensa passa a ser o de informar objetivamente. Em vez de narrações cronológicas marcadas por adjetivos, exclamações e digressões, o fato. Ao longo do século XX, o jornalismo se torna mais técnico, com a formulação de preceitos textuais e cursos de graduação (RIBEIRO, 2003).

Porém, vale ressaltar que o embrião de tais mudanças surgiu ainda no século XIX. Em abril de 1861, nasceram o *lead* e a hierarquização de fatos na redação do New York Times (GENRO FILHO, 2012, p. 199). Esse foi, todavia, o resultado de um processo que teve início em 1833, no New York Sun, o embrião da chama *yellow press*, ou imprensa amarela, responsável pela efetiva popularização da imprensa através, em parte, do sensacionalismo como modo de obtenção da atenção. Esse modo de se fazer jornalismo foi impulsionado naquele país ao longo do século pelos magnatas rivais Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst (RIBEIRO, 2003, p. 154).

No Brasil, quase um século depois, o Diário Carioca foi o primeiro diário a implantar este jornalismo moderno, em 1950, por iniciativa do jornalista Pompeu de Sousa. O editor-chefe do diário também redigiu o primeiro manual de redação do Brasil. Também foi sob a sua gestão

que o jornal implantou o *copy-desk*: um grupo de redatores responsável por rever e revisar toda a edição (RIBEIRO, 2003, p. 150-151). Esses conceitos foram aplicados também pelos meios eletrônicos mais tarde (rádio e televisão), que viriam a fadar ao fim o posto de único informador do jornal impresso.

As técnicas americanas impuseram ao jornalismo noticioso um conjunto de restrições formais que diziam respeito tanto à linguagem quanto à estruturação do texto. Inspirado no noticiário telegráfico, o estilo jornalístico passou a ser mais seco e forte. A restrição do código lingüístico - com uso de reduzido número de palavras, expressões e regras gramaticais - aumentava a comunicabilidade e facilitava a produção de mensagens. As regras de redação, além disso, supostamente retiravam do jornalismo noticioso qualquer caráter emotivo e participante. Para garantir a impessoalidade (e o ocultamento do sujeito da enunciação), impôs-se um estilo direto, sem o uso de metáforas. Como a comunicação deveria ser, antes de tudo, referencial, o uso da terceira pessoa tornou-se obrigatório. O modo verbal passou a ser, de preferência, o indicativo. Os adjetivos e as aferições subjetivas tiveram que desaparecer, assim como os pomos de exclamação e as reticências. As palavras com funções meramente enfáticas ou eufemísticas deveriam ser evitadas. (RIBEIRO, 2003, p. 149)

A estrutura narrativa da notícia baseia-se, como supracitado, nas respostas a seis perguntas básicas que o jornalismo herda do debate sofisticado de dois mil anos atrás (SODRÉ, 2009, p. 24). O conjunto de respostas, por sua vez, forma uma narrativa no conceito de Genette: “a narrativa é o enunciado narrativo, o discurso oral ou escrito que assume a relação do acontecimento ou de uma série de acontecimentos” (GENETTE apud SODRÉ, 2009, p. 27). Segundo Muniz Sodré, a notícia de jornal dá conta da ideia de “um evento preexistente” a ser representado pelo texto, e nele pode haver até uma sequência desses enunciados narrativos (SODRÉ, 2009, p. 27).

O francês Maurice Mouillaud defende que essas seis perguntas que estruturam a narrativa jornalística são a “expressão em superfície de uma leitura de experiência que é codificada e arbitrária” (MOUILLAUD, 2012, p. 78). Esse modelo, segundo o autor, é usado para interpretar as experiências como uma série linear de transformações encadeadas. Transformações que são, como aponta o sufixo, ações, que pressupõem verbos destinados a dar suporte ao paradigma do fato, como “fazer”, “ser” ou “estar”.

Seguindo o raciocínio de Mouillaud, a professora e pesquisadora da UnB Dione Oliveira Moura argumenta que o dado bruto, que gera a notícia, é somente uma parte da narrativa. Ela se baseia na tese de doutorado do teólogo alemão Tobias Peucer, que a defendeu em 1690, na Universidade de Leipzig. Peucer define a notícia como um relato, isto é, uma construção de um texto diferente do acontecimento em si. A autora explica que o “fazer”

jornalístico está situado entre dois pontos de produção: “O processo de produção da notícia, permanentemente sob exame, está situado entre estes dois pontos: da seleção à configuração de um fato em notícia” (MOURA, 2012, p. 329).

Apesar da extrema objetividade e, muitas vezes, restrição ao acontecimento, a notícia pode crescer e se tornar reportagem. Em 1983, como recorda Muniz Sodré, a Comissão Internacional para o Estudo dos problemas da Comunicação, da Unesco, recomendava no Relatório MacBride que “nos países em desenvolvimento, considera-se necessário ampliar o conceito de notícia, com o objetivo que engloba não só os ‘acontecimentos’, mas também os processos inteiros” (SODRÉ, 2009, p.54). Porém, mesmo a reportagem, apesar de não imediata, também depende de certa atualidade e precisa possuir um teor predominantemente informativo (FERRARI & SODRÉ, 1986, p. 18).

Uma classificação é proposta por Ferrari e Sodré que serve tanto à notícia quanto à reportagem: anunciar e enunciar. Considerando que o anúncio de um fato seja a divulgação e o registro de um evento e um relato sumário de suas circunstâncias, ou “um relato de ações acabadas no tempo” (FERRARI & SODRÉ, 1986, p. 19), este caberia mais à notícia. Quanto à reportagem, o texto traz um enunciado, ou seja, “exprime a manifestação desses fatos através de um discurso que se oculta como discurso” (FERRARI & SODRÉ, 1986, p. 21), como se os acontecimentos se exibissem diante do leitor.

Utilizando o pensamento dos franceses Roselyne Ringoot e Yves Rochard, a acadêmica da Universidade de Brasília Dione Oliveira Moura classifica a reportagem e a entrevista como gêneros em que se nota uma maior presença enunciativa do jornalista, que pode ser percebida na estrutura textual do texto (MOURA, 2012, p. 331). No entanto, uma notícia pode enunciar, assim como uma reportagem pode anunciar um fato. Os autores, então, sugerem uma separação de acordo com a função de cada texto jornalístico:

Um fato pode ser tão importante que sua simples notícia ou uma enorme reportagem a respeito dele vão sempre procurar documentar seus aspectos referenciais, porque aí está a expectativa do leitor. Já um episódio de restrito interesse só ultrapassará o mero registro se envolto em circunstâncias que conduzirão o leitor a um posicionamento crítico, revelando-lhe ângulos insuspeitados, salientando outros apenas entrevistos - enfim, iluminando e ampliando a visão sobre determinado assunto. (FERRARI & SODRÉ, 1986, p. 36)

Assim, a informação mais aprofundada em forma de reportagem torna-se um modelo de qualidade replicado por diversos meios de comunicação. Conforme Alberto Dines assinala ainda nos anos 1970, “o *lead* clássico contendo as seis questões primárias de Kipling avançou

para buscar circunstâncias mais profundas, como a dimensão, a remissão e a explicação dos fatos, já que a TV satisfazia as iniciais” (DINES, 1986, p. 70). O jornalista afirma que os diários impressos precisaram ser mais seletivos, concentrando-se em assuntos mais relevantes para seus públicos.

Ou seja, o interesse qualitativo do leitor passa a prevalecer sobre a sede quantitativa de informação. O consumidor do trabalho jornalístico, para Dines, deseja “assegurar-se da sua situação dentro dos acontecimentos” (DINES, 1986, p. 90). Ferraro e Sodré complementam, afirmando que o “quem” e o “o quê” são os mais importantes dentro da narrativa por despertarem interesse humano, sustentando a problemática da narrativa (FERRARI & SODRÉ, 1986, p. 14). Esse critério de noticiabilidade, interesse humano, juntamente com proximidade, são mais vigentes em reportagens, em contraponto aos atualidade/singular e extraordinário das notícias (MOURA, 2012, p. 335).

Para satisfazer a essa nova demanda, a informação - no quesito conteúdo - deve ser engrandecida e conter os seguintes itens: dimensão comparada, remissão ao passado, interligação com outros fatos, incorporação do fato a uma tendência e projeção para o futuro (DINES, 1986, p.90). Por outro lado, quanto à forma, na reportagem tende a predominar o estilo narrativo, a humanização do relato, a natureza impressionista do texto e a objetividade dos fatos narrados (FERRARI & SODRÉ, 1986, p. 15).

Munido dessas características, o jornalismo torna-se menos baseado nos acontecimentos e mais analítico e investigativo. Porém, Dines pondera que não se trata de transformar a redação em uma fábrica de descobrir escândalos, mas de buscar causas e origens dos fatos, a ligação entre eles e a explicação de sua ocorrência (DINES, 1986, p. 92).

2.2. Modelos de reportagem

Nilson Lage oferece três definições para classificar reportagem: *investigação*, ou seja, a revelação de fatos ocultos a partir de evidências; *interpretação*, em que um conjunto de fatos é analisado segundo uma metodologia de uma ciência (econômica, sociológica e antropológica¹¹, sobretudo); e *literária*, que segue esses mesmos métodos, revela informações de um modo que não seja teórico-científico (LAGE apud GENRO FILHO, 2012, p. 208).

¹¹ Esta última ciência é proposta por Adelmo Genro Filho em complemento às outras duas de Nilson Lage.

Em artigo publicado em 2014, as pesquisadoras Elizabeth Gonçalves e Marli dos Santos, da Universidade Metodista de São Paulo, montam um arcabouço teórico de estilos narrativos da reportagem. Utilizando classificações de grandes teóricos da área, o material cruza as características que propõem os autores, revelando um quadro mais completo de classificações, que serão abordados no decorrer deste trabalho. Essas se baseiam em critérios como estrutura do texto, esquema narrativo, estilo, técnicas de apuração e narrativas, finalidade e mídia (GONÇALVES & SANTOS, 2014, p. 6).

No campo da Comunicação a atividade jornalística caracteriza-se como um tipo de manifestação enunciativa que envolve vários gêneros, dependendo não somente do conteúdo abordado, mas, em especial da forma como o conteúdo é trabalhado, da visão do jornalista frente ao fato e da proposta que se apresenta ao leitor. Assim, vários gêneros transitam na esfera do jornalismo, seja pela construção composicional dos discursos, seja pela relação que se estabelece entre os interlocutores (GONÇALVES & SANTOS, 2014, p. 4).

Por outra perspectiva, seguindo a classificação de modelos proposta por Maria Helena Ferrari e Muniz Sodré em 1986, que abrange, sobretudo, a mídia impressa, também são apresentados três tipos básicos de reportagem seguidos de estilos textuais enumerados pelos autores. Este trabalho os apresentará em seguida, tendo em vista suas aplicações nos capítulos posteriores, que analisarão as mídias digitais e, em especial, o jornal *online* Observador.

A reportagem de fatos - *fact-story* - é o tipo que estaria na interseção entre a notícia e a reportagem. Mais completa do que a primeira, nela “os fatos são narrados em sucessão, por ordem de importância” (FERRARI & SODRÉ, 1986, p. 45), segundo o modelo objetivo de hierarquização das informações da pirâmide invertida. Esse estilo se aproxima da “reportagem de aprofundamento da notícia” (RAN), identificada por Conceição Aparecida Kindermann, que apresenta o desdobramento do fato principal e os eventos que se relacionam a ele (KINDERMANN apud GONÇALVES & SANTOS, 2014, p. 8).

Já a reportagem de ação, ou *action-story*, “começa sempre pelo fato mais atraente, para ir descendo aos poucos na exposição dos detalhes” (FERRARI & SODRÉ, 1986, p. 52). O estilo textual, ao contrário da reportagem de fatos, procura envolver o leitor na visualização das cenas descritas. No entanto, não há limitação das informações aos acontecimentos, havendo contextualização documental ou de dados, por exemplo.

É nesse estilo que a presença enunciativa a que Dione Moura se referiu anteriormente se evidenciaria com mais expoência. A autora afirma que impressões, descrições, ritmos, imagens

mentais, arguições e interpelações enriquecem o relato e deixam sinais da presença do jornalista, criando uma atmosfera de leitura diferente da notícia corriqueira (MOURA, 2012, p. 331).

Por fim, a reportagem documental - *quote story* - é parente da pesquisa. “É o relato documentado, que apresenta os elementos de maneira objetiva, acompanhados de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado” (FERRARI & SODRÉ, 1986, p. 64). Segundo os autores, essas matérias podem ter caráter denunciante, ou apenas apoiar-se em dados que as fundamentam e, assim, adquirir um cunho pedagógico. Outra vez, Kindermann oferece uma classificação semelhante: a “reportagem de pesquisa” (Rpe) (KINDERMANN apud GONÇALVES & SANTOS, 2014, p. 8).

Kindermann mostra mais duas classificações de reportagem. A “reportagem a partir de entrevista” (Ren), em que há o relato do conteúdo da entrevista somado a um fato principal, à descrição dos entrevistados e aos detalhes da entrevista. Já a “reportagem retrospectiva” (Rre) revela o histórico do fato e comentários sobre os fatos narrados (KINDERMANN apud GONÇALVES & SANTOS, 2014, p. 8).

Enquanto Kindermann chegou a tais conclusões analisando o material do Jornal do Brasil, outra autora que propõe uma série de classificações é a portuguesa Liliana Mesquita Machado, que examinou meios impressos lusitanos. Foram quinze resultados obtidos, incluindo os três principais de Ferrari e Sodré, que, por já terem sido abordados, foram excl idos da citação   tabela montada por GONÇALVES & SANTOS a seguir:

Quadro 1 – Classificação da reportagem segundo Liliana Machado

Classificação	Definição
Reportagem objetiva	Descreve os fatos, é mais enxuta.
Reportagem interpretativa	História que apresenta análise e interpretação dos acontecimentos e dos fatos.
Reportagem argumentativa	Apresenta ação de persuasão, com a apresentação de argumentação em torno de ideias e motivos.
Reportagem no local	“Este tipo de reportagem d� vitalidade a uma cr�nica local”, evitando a banalização de assuntos locais.
Reportagem quente	Apresenta imediatismo na cobertura do acontecimento não previstos.
Reportagem morna	Ligada ao tempo do acontecimento, em três fases: explora acontecimento recente que necessita de mais explicações, os acontecimentos em fase de eclosão e quando eles são mais perenes.
Reportagem fria	Aborda acontecimentos previstos.
Reportagem de sequência	Oferece novas informações a acontecimentos já concretizados há algum tempo, como catástrofes, crimes.
Reportagem de revista	Aborda acontecimento ou tema já divulgado, porém, apresenta “novidade ao conteúdo”.

Reportagem intemporal	Refere-se à “atualidade nunca escaldante, mas muito perto, sempre de boa temperatura”.
Reportagem relocalizada	Apresenta abordagem local para acontecimentos de caráter nacional e internacional, relacionando-os.
Reportagem novelística	Trata-se de uma modalidade de jornalismo literário, que mescla realidade e ficção, “muitas vezes caracterizado pela simbiose de dois gêneros diferenciados ...”.

Fonte: Elaborado por GONÇALVES & SANTOS com base no texto de MACHADO (2012, p. 6-7)

Além dos modelos de reportagem citados pelos autores, há ainda outra variante: o esquema ou plano de texto, isto é, “o modo como são hierarquizados os acontecimentos e as informações” (FERRARI & SODRÉ, 1986, p. 58). Ferrari e Sodré destacam dois tipos mais comuns nesse quesito: cronológico e dialético. O primeiro é uma subversão da pirâmide invertida da notícia, na qual a importância prevalece sobre o tempo na classificação de fatos. Já o dialético é mais comum na reportagem documental e “apresenta um arremedo de tese-antítese-tese” (FERRARI & SODRÉ, 1986, p. 60), em que o texto demonstra uma ideia.

2.3. A interseção entre jornalismo e literatura

O jornalismo também herda aspectos da literatura, listados a seguir, tendo em vista que grandes escritores passaram pelas redações, como pela publicação dos folhetins nos espaços compartilhados com as notícias, o que provocou uma influência mútua quanto às técnicas textuais, conforme explica a pesquisadora Cristiane Costa em sua tese de doutorado “Escritores jornalistas no Brasil: 1904/2004”. Lima Barreto, por exemplo, mesclou relato jornalístico com ficção no folhetim “O subterrâneo do Morro do Castelo”, publicado no Correio da Manhã, no início do século XX. A obra conta a história da descoberta de uma galeria sob os escombros do morro, que começara a ser dilapidado na gestão do prefeito Pereira Passos (COSTA, 2004, p. 166).

Balzac, Flaubert, Dickens e Dostoiévski, Machado de Assis e José de Alencar também são exemplos de grandes autores que se aventuraram em jornais (COSTA, 2004, p. 167). São expoentes de uma moda que se alastrou globalmente, como mostra a autora. “De olho no sucesso de público, praticamente todos os escritores do final do século 19 e início do 20 passam a fatiar seus romances em forma de folhetim em jornais e revistas ilustradas” (COSTA, 2004, p. 168).

FERRARI & SODRÉ (1986) baseiam-se no contista e jornalista russo Tchekhov para promover um encontro entre ambas as instâncias. O russo defendia que um bom conto deveria ter

força, clareza, condensação e novidade. Outro autor citado que também apresenta alguns parâmetros é Edgar Allan Poe: a história curta necessita de uma “unidade de efeito”, com doses de tensão/suspense ao longo do texto. A *força* da reportagem é o que faz o receptor ler todo o material, até o fim. Podendo ser de ordem emotiva ou racional, ela reúne elementos numa sequência que produz efeito. Já a *clareza* está intrinsecamente ligada à narrativa jornalística, uma vez que matérias devem ser objetivas e entendidas imediatamente. A *condensação*, por sua vez, compacta elementos e sintetiza recursos narrativos e descritivos. Além de “cortar gordura”, é preciso também dosar esses elementos ao longo do texto para que surja um clímax, ou seja, gere *tensão*. E a *novidade*, por fim, não é a notícia, mas uma abordagem original de determinado assunto. (FERRARI & SODRÉ, 1986, p. 76)

Desse “namoro” entre o jornalismo e sua parente literatura nascem estilos híbridos, como a reportagem-conto. Sua principal característica é a particularização em torno de um personagem no início para depois desenvolver o tema da reportagem, com análises documentais e/ou outras histórias individuais (FERRARI & SODRÉ, 1986). Pode-se tomar esse expemplo para ilustrar a teoria de Adelmo Genro Filho sobre a pirâmide jornalística do texto, que segue sua posição normal (de pé), em que o cume representa o fato singular e a base, seu contexto particular. Tal teoria será abordada adiante.

A reportagem-crônica é irmã do tipo anterior. Porém, ao contrário dela, os personagens podem não ser o epicentro do enredo, encaixando-se mais como figurantes na narrativa – isto é, se aparecerem. A narrativa solta não necessita de começo, meio e fim, logo, não chega a ser notícia nem grande reportagem e absorve recursos da reportagem de fatos, da de ação e da documental (FERRARI & SODRÉ, 1986). E na separação para além do hífen, os autores assim distinguem reportagem e crônica: “a primeira *mostra* fatos e faz com que o olho do leitor penetre, através do repórter, em espaços desconhecidos. A segunda não pretende que o leitor apenas *veja* os fatos: quer fazer enxergar o que está por trás deles” (FERRARI & SODRÉ, 1986, p. 94, grifos dos autores).

Cabe lembrar aqui que a crônica, assim como o folhetim, também é herdeira da literatura e está no limite entre realidade e ficção. Segundo Costa, originalmente, esse estilo era a “narrativa dos fatos de acordo com a ordem temporal” (COSTA, 2004, p. 173). No entanto, mudanças vieram a acontecer no século passado:

No século 20, a crônica transcenderia sua condição efêmera, herdada do jornalismo, para se tornar ela própria um gênero específico, quase autônomo. Pelo menos até o ponto em que pode ser considerado autônomo um tipo de literatura que tem como característica a ambiguidade entre o conto, a reportagem, o ensaio, o humorismo e até o poema em prosa. Quando a divisão do trabalho na imprensa se tornou mais nítida, a obrigação de informar passou para o jornalista. Ao cronista, sobrou o entretenimento do leitor. (COSTA, 2004, p. 177)

Não é só na forma do texto que o jornalismo absorve elementos da literatura. Isso também se dá no meio de publicação. O livro está para a literatura, assim como o jornal está para o jornalismo. No entanto, o livro-reportagem é o casamento entre ambas as instâncias que culmina em relevantes produções. Ele pode reunir uma série de reportagens publicadas em determinado veículo ou ser uma grande e única reportagem, produzida especialmente para o meio livro (FERRARI & SODRÉ, 1986).

Esse gênero é, talvez, o de maior prestígio para um jornalista. Tanto que Euclides da Cunha entrou para o Olimpo da Literatura Brasileira com “Os Sertões”, uma série de reportagens sobre a Guerra de Canudos produzida para o jornal O Estado de São Paulo, em 1897. E a última ganhadora do prêmio Nobel de Literatura, em 2015, foi a jornalista bielorrussa Svetlana Alexievich, com a série de livros “Vozes da Utopia”, que mostra depoimentos sobre tragédias ocorridas nos países que formavam a extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)¹².

No então polo ideológico oposto do planeta, nos Estados Unidos, surgiu o “novo jornalismo” durante a década de 1960, que produz as reportagens novelísticas citadas por Liliana Machado. Há, aqui, uma romantização do relato jornalístico. Além da objetividade, também é oferecida uma vivência subjetiva e emocional junto aos personagens (WOLF apud GENRO FILHO, 2012, p. 210). Fazendo um regresso às origens do jornalismo moderno e sua íntima ligação com a literatura, esse jornalismo literário apresenta algumas características típicas da ficção, como as variações de ponto-de-vista, monólogos interiores de um narrador auto-consciente e ênfase na composição dos personagens, e a transcendência da objetividade (COSTA, 2004, p. 190).

Esse último aspecto poderia ser considerado o principal para Adelmo Genro Filho. O teórico justifica o sucesso do estilo ao fato de que as reportagens “despertam uma sensação da realidade que sintetiza – de maneira equilibrada – aspectos lógicos e emocionais” (GENRO

¹² Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/bielorrussa-svetlana-alexievich-vence-nobel-de-literatura-17721585> (Acesso em 29/11/2015)

FILHO, 2012, p. 211), o que fornece a sensação de partícipe e testemunha dos fatos ao leitor. Aliás, um dos pilares de sua tese, a ser exposta a seguir, é justamente a crítica à objetividade.

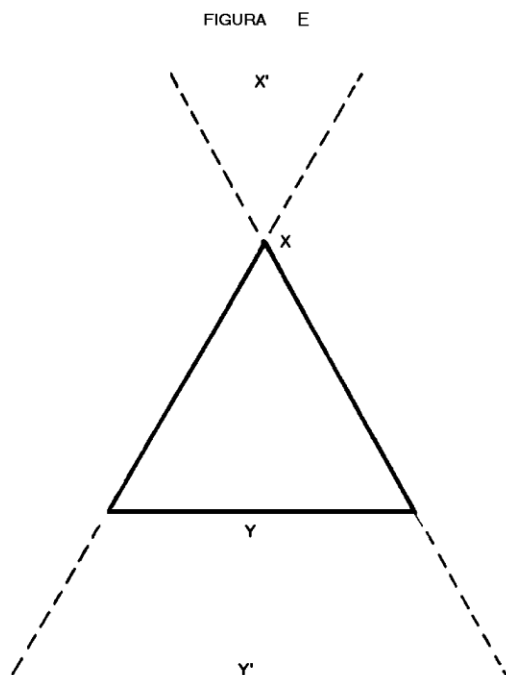
2.4. A pirâmide reinvertida

O gaúcho Adelmo Genro Filho defendeu em sua dissertação de mestrado, em 1986, que o jornalismo possui uma forma própria de conhecimento, nascida no capitalismo industrial, mas que apresenta potencialidades revolucionárias e socializadoras, mas que nem sempre são aproveitadas. Seu trabalho diferencia um jornalismo sensacionalista, chamado de “burguês”, de um mais aprofundado, onde o contexto ganha mais importância.

Sua crítica à notícia, contudo, não trata da função informativa, mas da ideia de supremacia da objetividade contida neste tipo de jornalismo, que acaba ignorando contextos e explicações, restringindo-se aos fatos e omitindo possíveis ligações entre eles. Citando o autor Eleazar Dias Rangel, defende que tal estrutura não contribui à reflexão por parte do leitor, mas para informá-lo superficialmente.

Essa objetividade implica uma compreensão de mundo como um agregado de “fatos” prontos e acabados, cuja existência, portanto, seria anterior a qualquer forma de percepção e autônoma em relação a qualquer ideologia ou concepção de mundo. Caberia ao jornalista, simplesmente, recolhê-los escrupulosamente como se fossem pedrinhas coloridas. (GENRO FILHO, 2012, p. 197)

Figura 1 - A unidade básica da notícia, o triângulo equilátero



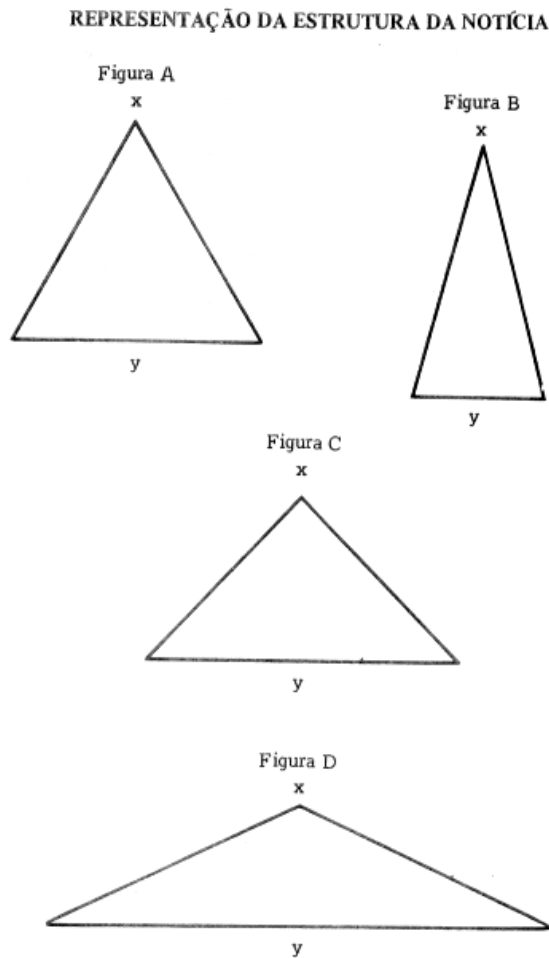
Fonte: GENRO FILHO, 2012, p. 204

O teórico gaúcho, contudo, admite a importância do *lead*, isto é, da hierarquização da informação, começando pelo mais importante e terminando com o menos importante, como já foi mencionado neste trabalho. É neste primeiro parágrafo do texto jornalístico que se encontra o “núcleo singular da informação”. O autor propõe uma nova ideia de pirâmide: em vez de invertida, como se a base, mais larga, representasse o mais interessante, uma pirâmide comum, de pé, em que o topo significaria a singularidade que cita, e a base, o contexto, o particular.

Sob o ângulo epistemológico - que é o fundamental - a pirâmide invertida deve ser revertida, quer dizer, recolocada com os pés na terra. Nesse sentido, a notícia caminha não do mais importante para o menos importante (ou vice-versa), mas do singular para o particular, do cume para a base. O segredo da pirâmide é que ela está invertida, quando deveria estar como as pirâmides seculares do velho Egito: em pé, assentada sobre sua base natural. (GENRO FILHO, 2012, p. 201)

A geometria, neste caso, também serve para determinar um padrão de qualidades do material jornalístico. Achatando a pirâmide para que se transforme em uma figura de duas dimensões, encontra-se o triângulo. E sua angulação é usada por Adelmo Genro Filho para classificar o foco dado pela matéria ao singular (cume) e ao particular (base). Uma notícia diária comum, seguindo essa lógica, constitui um triângulo equilátero (figura A), isto é, com todos os lados iguais. A “menor unidade de informação jornalística” apresenta um equilíbrio na abordagem da singularidade do fato e a particularidade que o contextualiza. “Sempre que um fato se torna notícia jornalística, ele é apreendido pelo ângulo da sua singularidade, mas abrindo um determinado leque de relações que formam o seu contexto particular” (GENRO FILHO, 2012, p. 201).

Figura 2 - As diferentes formatações da pirâmide



Fonte: GENRO FILHO, 2012, p. 204

Por mais que seja necessário um mínimo de contextualização da notícia para que haja formulação de conhecimento, esse triângulo pode ser deformado de modo a esticar uma das pontas. É o caso da notícia sensacionalista, representada pelo triângulo isósceles (o que tem dois lados iguais e um diferente) com as laterais esticadas e, conseqüentemente, a base estreita (figura B). Por omitir ou oferecer poucas informações contextuais, corre o risco de não contribuir para uma “apreensão crítica da realidade” por parte do leitor (GENRO FILHO, 2012, p. 202).

Por outro lado, o extremo oposto também pode acontecer. Quando a base enlarga-se demais e o singular se perde em meio ao particular excessivamente vago. Esse triângulo isósceles, por sua vez, é um problema para a notícia, mas pode não ser para a reportagem. O autor explica que, na reportagem, o contexto possui certa autonomia e não depende necessariamente de um fato para fazer sentido. “O contexto de particularização que vai atribuir o próprio significado

ao singular ou, em outras palavras, que vai construir o fato jornalístico, deverá ser mais amplo e rico em conexões” (GENRO FILHO, 2012, p. 203).

[...] a particularidade (enquanto categoria epistemológica) assume uma relativa autonomia ao invés de ser apenas um contexto de significação do singular. Ela própria busca sua significação na totalidade da matéria jornalística, concorrendo com a singularidade do fenômeno que aborda e dos fatos que o configuram. (GENRO FILHO, 2012, p. 208)

Segundo o autor, essa significação pode ser estética, teórico-científica (como na *interpretação* proposta por Nilson Lage, ou na *quote-story*, de Maria Helena Ferrari e Muniz Sodré) ou informativa (como um desenvolvimento da *fact-story*, com os antecedentes da notícia, seus detalhes e nuances, um ambiente contextual mais completo). A autonomia do particular nesses estilos não nega, todavia, que o singular não seja preponderante. Existe, na verdade, uma coexistência entre as instâncias, em vez de uma hierarquização (GENRO FILHO, 2012, p. 209).

Outro autor que atribui significados semelhantes à pirâmide jornalística é Maurice Mouillaud. O título da notícia está para o singular de Adelmo, o “acontecimento no estado puro” (MOUILLAUD, 2012, p. 95). Logo após, vem o *lead*, onde o acontecimento se expande em direção a um passado e um futuro que se apoiam no presente do leitor. Portanto, segundo a visão do teórico Francês, o singular e o particular podem ser interpretados como atualidade e história, respectivamente. Esses conceitos continuam pertinentes no campo da reportagem, afinal, neste estilo jornalístico nota-se que a contextualização passa, necessariamente, por uma espécie de retrospectiva que ambienta o caso em questão.

O título está para o artigo como a ponta de uma pirâmide cuja base está cada vez mais expandida no tempo. [...] O jornal aparece, então, sujeito a uma tensão conflituosa: em sua ponta – o título – ele está na ponta da Atualidade; já sua base tende para a História (MOUILLAUD, 2012, p. 95)

Partindo desses pressupostos, o *lead* é considerado por Adelmo Genro Filho como a “reprodução sintética da singularidade da experiência individual” (GENRO FILHO, 2012, p. 206). Em contrapartida, as formulações genéricas - pirâmide em pé com a base alarguecida em excesso - não conseguiriam reproduzir essa experiência. A narrativa precisa de um “epicentro para a percepção do conjunto” (SODRÉ, 2009, p. 59) para que a notícia, até mesmo a reportagem, se tornem mais interessantes. “O “singular” jornalístico mobiliza a ação coletiva, porque engendra a possibilidade de um “diálogo” entre lei e regra, sociedade e comunidade, impessoal e particular” (SODRÉ, 2009, p. 59).

Sodré, entretanto, frisa que o singular jornalístico não é um elemento inscrito no real-histórico. Segundo o autor, trata-se de uma singularidade construída com base na interpretação de um grupo profissional, ou seja, uma “singularização” do acontecimento. Nesse processo, há uma descontextualização seguida de uma nova contextualização do fato. Explica o italiano Giorgio Grossi: “O processo informativo contribui para descontextualizar um acontecimento, para destacar um acontecimento do contexto em que se produziu e finalmente recontextualizá-lo nas formas informativas” (GROSSI apud SODRÉ, 2009, p. 59).

Maurice Mouillaud complementa Grossi e explica a função do emolduramento na apreensão da realidade: “A moldura, isolando um fragmento da experiência, separa-o de seu contexto e permite sua conservação e seu transporte” (MOUILLAUD, 2012, p. 79). O autor parte do pressuposto de que a totalidade de um acontecimento não pode ser capturada, ou seja, sempre haverá angulações e percepções diferentes, isto é, “a escolha de uma narrativa entre as diferentes narrativas possíveis depende dos posicionamentos da tela” (MOUILLAUD, 2012, p. 85). A captura à qual o autor se refere se dá como uma coleta de pedaços:

A apreensão de um acontecimento exige que ele seja fragmentado em cenas parciais que, para serem passíveis de leitura, devem ser, cada uma monossêmicas (partir de um ponto e estar orientada em uma direção [...]) (MOUILLAUD, 2012, p. 80)

Se mal sucedido, a singularização extrema do acontecimento por parte dos jornalistas culmina no sensacionalismo do triângulo pontudo, apontado por Adelmo Genro Filho. Segundo ele, a consequência real disso é o reforço das categorias do senso comum. De acordo com George Krutch, o senso comum é “a aceitação de certos pressupostos, tradições e critérios de valor corrente que nunca são postos em dúvida, uma vez que o questionamento de qualquer um deles poderia equivaler à necessidade de uma revisão [...] do governo, da sociedade e da conduta individual” (KRUTCH apud SODRÉ, 2009, p. 62). A partir dessa concepção, Genro Filho lista as consequências sociais do jornalismo sensacionalista:

[...] A percepção do mundo como um agregado de coisas e eventos independentes, do livre-arbítrio metafísico como pressuposto das ações individuais, da “norma” e o “desvio” como padrões éticos de referência, a concepção mística do acaso e do destino, as ideias de “ordem” e “perturbações” como categorias da análise social, a impressão de naturalidade e eternidade das relações sociais vigentes (GENRO FILHO, 2012, p. 206)

O autor acrescenta que nesses casos ocorre “uma distorção do concreto através de seus aspectos sensíveis no contexto da percepção e da apropriação subjetiva” (GENRO FILHO, 2012, p. 207), isto é, a sensação, como o próprio termo *sensacionalismo* indica, toma o

protagonismo nos efeitos da informação. O fundamento histórico do acontecimento é diluído nessa superfície sensorial, emocional e reafirmadora de valores.

3. WEBJORNALISMO: UMA REVOLUÇÃO?

Se comparado com a história secular do jornalismo impresso, e mesmo com a do parente rádio, o jornalismo produzido na e para a Internet é jovem. Ainda não existe um modelo consolidado para notícias e reportagens, além de rotinas de trabalho, porque a metamorfose deste novo meio é constante. Se, por um lado, as novas mídias representaram um baque nas estruturas das organizações jornalísticas, por outro, a Internet não possui, via de regra, o mesmo alcance de público que seus parentes mais velhos. Adiciona-se a esse cenário o fato de que muitos produtores de conteúdo jornalístico não aproveitam todos os recursos disponíveis. Portanto, cabe a este trabalho traçar as potencialidades baseadas no breve, porém intenso, histórico do webjornalismo.

3.1. Os primeiros passos do jornalismo na grande rede

O termo webjornalismo, que será explicado mais adiante neste capítulo, faz referência à WEB, a parte da Internet acessível aos usuários comuns. Porém, a popularização da grande rede fora dos meios militar e acadêmico dos Estados Unidos só foi possível graças ao WWW, sigla para *World Wide Web*, desenvolvido pelo físico e cientista da computação britânico Tim Berns Lee, a partir de 1989. A nova rede possibilitou o surgimento dos navegadores, programas que permitem o acesso de páginas *online*, tornando a navegação mais fácil e legível. O Mosaic foi o primeiro deles, em 1993, conforme aponta a pesquisadora Claudia Irene Quadros (2002, p. 2).

Com a interface criada, os jornais norte-americanos começaram a demonstrar interesse em aproveitar a nova ferramenta para difundir seus conteúdos. Quadros destaca o The Nando Times, nascido em 1994, e o The San Jose Mercury Center, no início de 1995, como pioneiros do jornalismo *online* (QUADROS, 2002, p. 3). O segundo título, inclusive, já possuía uma versão digital em 1993, mas que era distribuída na rede do provedor America Online (AOL), anterior à web. Quem também fez a mesma troca foi o gigante The New York Times, que veio a inaugurar sua versão webem janeiro de 1996 (QUADROS, 2002, p.6).

Em 1995, a autora cita a criação de uma empresa que agregava diários das maiores empresas de mídia do país, a New Century Network. A empreitada uniu oito companhias que, na época, publicavam, juntas, 185 jornais, com tiragem de 20 milhões e uma fatia que correspondia a um terço do mercado dos EUA: Knight-Ridder, Cox Newspaper, Gannett Co. Inc., Hearst

Corporation, The Washington Post Corporation, Times Mirror Co., Tribune Co. e Advance Publication Inc (GARNEAU apud QUADROS, 2002, p. 5).

No Brasil, o pioneiro foi o Jornal do Brasil, em maio de 1995. Em sua página, o JB foi o primeiro “a fazer cobertura completa no espaço virtual” (MOHERDAUL apud QUADROS, 2002, p. 12). O Estado de S. Paulo também foi uma das primeiras publicações a investir na rede, quando, em dezembro daquele ano, lançou o portal NetEstado (QUADROS, 2002, p. 11), que funcionava com a tecnologia *Bulletin Board System* (BBS), uma espécie de rede alternativa e anterior à Internet que funcionava através da rede telefônica e cujas páginas não possuíam as qualidades visuais oferecidas nos navegadores web. O Globo On-line, por sua vez, surgiu em julho de 1996. No entanto, em março do ano anterior, o caderno Informática Etc. já tinha seu conteúdo publicado na web (QUADROS, 2012, p. 13).

Simultaneamente, em Portugal, os diários seguiram a mesma direção. Apenas em 1995, o Jornal de Notícias, o Público e o Diário de Notícias, nessa ordem, inauguraram suas páginas virtuais. Todavia, o primeiro meio de comunicação a registrar seu domínio, isto é, o endereço que redireciona o internauta para a página desejada, não foi um jornal, mas a emissora pública Rádio e Televisão de Portugal (RTP), que o fez ainda em 1993 e inaugurou a página RTPi em 1995 (GRANADO, 2002).

3.2. Jornalismo *online*, digital, eletrônico ou webjornalismo?

O termo escolhido para designar a nova forma de jornalismo que nasceu nesta mais recente onda de inovações tecnológicas, como fora dito, é webjornalismo. Segue-se o raciocínio do pesquisador português João Messias Canavilhas, que recupera as classificações de Angéle Murad: “De certa forma, o conceito de jornalismo encontra-se relacionado com o suporte técnico e com o meio que permite a difusão das notícias. Daí derivam conceitos como jornalismo impresso, telejornalismo e radiojornalismo” (MURAD apud CANAVILHAS, 2001, p. 2). Portanto, constata o autor, o termo mais apropriado seria webjornalismo.

É possível apresentar ainda outros argumentos a favor dessa adoção em detrimento de jornalismo *online* com base na sistematização proposta por Luciana Mielniczuk. Ao definir o termo *online*, a autora lembra que a expressão remete à ideia de conexão em tempo real, “um fluxo contínuo e quase instantâneo” (MIELNICZUK, 2003, p. 43). Porém, ressalva que nem todas as tecnologias digitais são *online*.

O webjornalismo, portanto, torna-se mais claro por referir-se “a uma parte específica da Internet, que disponibiliza interfaces gráficas de uma forma bastante amigável. A Internet envolve recursos e processos que são mais amplos do que a web, embora esta seja, para o público leigo, sinônimo de Internet” (MIELNICZUK, 2003, p. 43). Conforme foi visto anteriormente, outras redes, além da web, chegaram a ser utilizadas para veiculação de material jornalístico. Porém, com a disseminação da web, elas foram deixadas de lado. E é na web, nas últimas décadas, que o jornalismo da Internet vem se desenvolvendo.

Outras terminologias pertinentes também são abordadas por Mielniczuk, mas que não se encaixam neste trabalho. Jornalismo eletrônico, por exemplo, é o mais abrangente, mas não pode ser considerado restrito à Internet porque há mais de um século o rádio já utiliza os elétrons de maneira analógica para difundir suas transmissões. O mesmo vale para a televisão.

Já jornalismo digital e ciberjornalismo, segundo a autora, referem-se mais aos modos de produção do que aos de publicação. O primeiro está relacionado ao uso de softwares e hardwares pelo jornalista, por exemplo. Por mais que a Internet possa ser incluída nessa categoria, a autora apresenta uma noção mais ampla de jornalismo digital, que abarcaria até mídias físicas, como discos, portanto, ultrapassando a noção do jornalismo produzido para a grande rede, especificamente a web. Já o segundo é “realizado com o auxílio de possibilidades tecnológicas oferecidas pela cibernética ou ao jornalismo praticado no – ou com o auxílio do – ciberespaço” (MIELNICZUK, 2003, p. 43).

3.3. A evolução dos anos 1990 à primeira década do século XXI

Diversos autores classificaram a evolução do uso das plataformas digitais no jornalismo em três etapas, que Luciana Mielniczuk usa para fundamentar sua própria classificação, feita em conjunto com o pesquisador Marcos Palacios. Para melhor comparação entre autores, as etapas serão apresentadas em ordem de semelhança, isto é, as primeiras etapas de cada autor, seguidas das segundas e assim por diante.

O primeiro autor citado pela pesquisadora é o americano John Pavlik, cuja pesquisa é focada na produção de conteúdo. A primeira fase proposta por ele é chamada de “modelo mãe” (PAVLIK apud MIELNICZUK, 2003, p. 46), em que os materiais eram simplesmente transpostos de outras mídias para a web. Tal proposta possui pontos em comum com o estágio “transpositivo” de José Afonso Silva Jr.: “Trata-se de um uso mais hermético e fiel da idéia da

metáfora, seguindo muito de perto o referente pré-existente como forma de manancial simbólico disponível” (SILVA JR. apud MIELNICZUK, 2003, p. 47). Por fim, o “webjornalismo de primeira geração”, ou fase de transposição, quando “A disponibilização de informações jornalísticas na web fica restrita à possibilidade de ocupar um espaço, sem explorá-lo enquanto um meio que apresenta características específicas” (PALACIOS et all apud MIELNICZUK, 2003, p. 48).

O segundo momento dessa história se dá para Pavlik quando os jornalistas começam a aproveitar algumas ferramentas disponíveis na WEB, como:

hiperlinks (...) para outros websites: algumas capacidades interativas, tais como mecanismos de busca e índices eletrônicos clicáveis onde o leitor usa o *mouse* para selecionar conteúdos diferentes; algum conteúdo multimídia, tais como fotos, vídeo, e áudio; e alguma customização de *sites* e informações, onde os leitores criam suas próprias categorias pessoais de notícias, lista de ações e outros conteúdos. (PAVLIK apud MIELNICZUK, 2003, p. 45)¹³

Já Silva Jr. nomeia essa fase de “perceptiva”. O autor percebe que ainda há o reaproveitamento do jornal impresso na Internet, porém, com “a percepção por parte desses veículos de elementos pertinentes a uma organização da notícia na rede” (SILVA JR. apud MIELNICZUK, 2003, p. 47), o que corresponde à “segunda geração”, ou “fase de metáfora”, de Palacios. Aqui, o jornal impresso torna-se uma metáfora para a elaboração da interface das páginas virtuais, seguindo a explicação da americana Melinda McAdams: “assim como um emissor escolhe metáforas que deixarão seu significado mais claro para a audiência, um designer deve escolher metáforas que ajudarão os usuários a entender o sistema”¹⁴ (MCADAMS apud MIELNICZUK, 2003, p. 49).

Na terceira fase, que começou a surgir em meados dos anos 2000, a webganha a autonomia de ser um meio de comunicação independente e começa a receber conteúdos publicados em formatos específicos para a plataforma, segundo Pavlik. O autor destaca a o aparecimento de novas formas de *storytelling*, com novas possibilidades de narrativas imersivas, nas quais o leitor navega através de informações multimídia (PAVLIK apud MIELNICZUK, 2003, p. 46).

¹³ Tradução do autor: “hyperlinks (...) to other Web sites: some interactive capabilities, such as search engines and electronic clickable indexes where the reader uses the mouse to select different content; some multimedia content, such as photos, video, and audio; and some customization of sites and information, where readers create their own personal news categories, stock listings, and other content”

¹⁴ Tradução do autor: “just as a speaker chooses metaphors that will make his or her meaning clearer to the audience, a designer must choose metaphors that help the users understand the system”

Quanto à classificação de Silva Jr, trata-se do “estágio hipermidiático”, em que se observa “o uso mais intensificado de recursos hipertextuais, a convergência entre suportes diferentes (multimodalidade) e a disseminação de um mesmo produto em várias plataformas e/ou serviços informativos” (SILVA JR. apud MIELNICZUK, 2003, p. 47). No webjornalismo de terceira geração, além de formatos específicos, nascem projetos e veículos jornalísticos específicos para a Internet, indo além de versões digitais de meios impressos. Nesse momento, as principais características do webjornalismo são:

- recursos em multimídia, como sons e animações, que enriquecem a narrativa jornalística;
 - recursos de interatividade, como chats com a participação de personalidades públicas, enquetes, fóruns de discussões; apresentam opções para a configuração do produto de acordo com interesses pessoais de cada leitor/usuário;
 - a utilização do hipertexto não apenas como um recurso de organização das informações da edição, mas também como uma possibilidade na narrativa jornalística de fatos;
 - atualização contínua no webjornal e não apenas na seção ‘últimas notícias’.
- (MIELNICZUK, 2003, p. 50)

3.4. Características do webjornalismo

Ao delimitar as quatro características básicas do webjornalismo, os holandeses Jo Bardoel e Mark Deuze concentram-se em: interatividade, customização do conteúdo, hipertextualidade e multimidialidade (BARDOEL & DEUZE, 2001, p. 5). No Brasil, Marcos Palacios adotou um esquema semelhante, com algumas interseções e um item a mais: multimidialidade/convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização e memória. Tendo em vista o foco deste trabalho em reportagem, serão utilizados três dessas características (multimidialidade, hipertextualidade e memória), a serem discutidas a seguir.

Bardoel e Deuze afirmam que a *hipertextualidade* é a natureza do webjornalismo. Por meio de links, os autores exemplificam o uso dessa possibilidade com a inserção de documentos e outros conteúdos jornalísticos em uma reportagem online. Retomando o embasamento de Pavlik, exemplificam:

[...] o jornalista online pode usar essa característica para suplementar o conteúdo da notícia original com, por exemplo, hiperlinks para documentos originais, tais como *pressreleases* e material de referência, que pode incluir links para os prós e contras sobre o assunto, para outros sites com informação e uma seleção de materiais dos arquivos de matérias¹⁵. (BARDOEL & DEUZE, 2001, p. 6)

¹⁵ Tradução do autor: “the journalist online may use this characteristic to supply original news content with for example hyperlinks to original documents such as press releases and annotated reference material which could include links to the pros and cons in the issue at hand, links to other sites with information and a selection of material in the news archives”.

Os holandeses são sucintos quanto à classificação da *multimedialidade*, ou *convergência*:

“No contexto do jornalismo online, é a convergência de formatos midiáticos tradicionais - imagem (em movimento), texto, som - na narração de uma matéria online. A esse respeito, pode-se argumentar que essa característica é o componente midiático tecnológico da hipertextualidade.”¹⁶ (BARDOEL & DEUZE, 2002, p. 7)

Quanto à *memória*, Marcos Palacios afirma que “a acumulação de informações é mais viável técnica e economicamente na web do que em outras mídias” (PALACIOS, 2003, p. 20) e que, portanto, o jornalismo tem na weba sua primeira forma de memória múltipla, instantânea e cumulativa.

Da mesma forma que a “quebra dos limites físicos” na Web possibilita a utilização de um espaço praticamente ilimitado para disponibilização de material noticioso (sob os mais variados formatos mediáticos), abre-se a possibilidade de disponibilizar online toda informação anteriormente produzida e armazenada, através da criação de arquivos digitais, com sistemas sofisticados de indexação e recuperação da informação. (PALACIOS, 2003, p. 25)

Exemplificando tais sistemas, o autor cita os mecanismos de busca, que servem à apuração de materiais anteriores; e a indexação, o que corresponde atualmente ao uso de *tags*, isto é, selos que separam o conteúdo em determinado website por tópicos de postagens. Essas fontes de informação seriam facilmente inseríveis nas reportagens graças ao hipertexto, que permite acesso a elas de modo instantâneo (PALACIOS, 2003, p. 25).

O mesmo autor que apontou as seis características do webjornalismo até então produzido também constatou, juntamente com outros pesquisadores, que esses elementos não são utilizados de maneira uniforme nas publicações *online*. Palacios et al observaram espaços diferentes na localização dos tipos de notícias e reportagens, que interferem no uso de ferramentas específicas da web.

O primeiro espaço observado foi o de *últimas notícias*. Atualizado constantemente, o também conhecido como “plantão” e “*breaking news*” é alimentado principalmente pelas agências de notícias. Na época em que a pesquisa foi feita, no começo do século XXI, predominavam notas curtas, de poucos parágrafos, sem a exploração de recursos além do texto.

¹⁶ Tradução do autor: “in the context of online journalism is the convergence of traditional media formats - (moving) image, text, sound - in one story told online (Guay, 1995). In this respect, one could argue that this characteristic is the technological media component of hypertextuality”.

(MIELNICZUK, 2003, p. 51) No próximo capítulo, ao analisar o Observador, será mostrado como essa seção se configura no webjornal.

Na *cobertura cotidiana*, por outro lado, já há fotografias, links e as reportagens abrangem a rotina factual da redação. Nota-se uma tendência ao conteúdo próprio em vez do comprado de agências. Por fim, os *especiais* “referem-se a material informativo mais extenso, elaborado com mais tempo e que ocupam seções específicas do webjornal” (MIELNICZUK, 2003, p. 52). É nesta seção que a hipertextualidade e a multimidialidade são usadas com maior frequência, segundo a autora.

3.5. Novas posições para a pirâmide na WEB

Conforme foi visto no capítulo anterior deste trabalho, Adelmo Genro filho propõe que o jornalismo possui uma forma própria de conhecimento, produzida através da apreensão de um singular, seguida do contexto particular. Essa mesma ordem também vigora na construção de notícias e reportagens, com variações de importância atribuída a cada instância. Para classificar tal valor, usa-se a forma tridimensional da pirâmide, em sua posição natural, ou seja, de pé: quanto maior a base, maior a contextualização; por outro lado, quanto maior for a ponta, maior o foco sobre o singular, o que tende ao sensacionalismo.

Genro Filho morreu em 1987, um ano após apresentar a dissertação de mestrado em que defende sua teoria. Portanto, o autor não foi contemporâneo da difusão da *World Wide Web* e das primeiras incursões do jornalismo nessa nova mídia. No entanto, a pesquisadora Jacqueline da Silva Deolindo esboçou uma aplicação do trabalho do gaúcho no webjornalismo, partindo do pressuposto de que

A linguagem jornalística deve apreender a singularidade no contexto de uma particularidade determinada, num processo em que a universalidade esteja apenas pressentida, sugerida, a fim de que a notícia tenha sentido e sua singularidade não seja dissolvida no particular e no universal, mas, pelo contrário, que estabeleça entre essas categorias uma relação de convergência. (DEOLINDO, 2007, p. 6)

A autora cita os hiperlinks como uma possibilidade de ampliar a contextualização: são ferramentas do hipertexto que representam a particularidade de onde aquele fenômeno foi tirado. As potencialidades de um jornalismo humanizador, de acordo com Adelmo, surgem a partir do momento que a reportagem “coloca ao alcance do sujeito toda a tecitura da História, ou seja, democratiza informações de diversas naturezas, que podem servir de subsídios para que esse mesmo sujeito estabeleça significados norteadores de sua ação no mundo” (DEOLINDO, 2007,

p. 7). Os meios de comunicação eletrônicos de então, o rádio e a televisão, já apontavam na direção de ampliar o leque de singulares oferecidos pelo jornalismo:

Os meios de comunicação de massa podem produzir, em termos quantitativos e qualitativos, um universo cultural e informativo superior àquele elaborado de modo natural, espontâneo e artesanal. Não obstante, esse processo precisa ser qualificado conscientemente, como ação das instâncias políticas e técnicas, sob hegemonia da ideologia revolucionária e articuladas dialeticamente com os interesses e consciência das massas. Através dos modernos meios de comunicação radicaliza-se a possibilidade das transformações na consciência e na cultura. Portanto, aumenta a possibilidade do sujeito coletivo agir diretamente sobre si mesmo, a partir de suas diferenças internas, contradições e potencialidades daí decorrentes. (GENRO FILHO, 2012, p. 90)

Deolindo argumenta que as plataformas digitais, pelo espaço ilimitado e pela facilidade com que pode se transmitir informações, permitem que nenhum fato singular seja desperdiçado por recursos técnicos, ou, no caso, pela falta deles. Por outro lado, no âmbito da leitura do material jornalístico, as novas mídias possibilitam

a associação de diversas mídias (como texto, áudio, vídeo, animação, gráficos e outros recursos visuais e linguísticos) que antes constituíam gêneros ou mesmo veículos particulares, para ampliar o potencial comunicativo de uma dada informação, e, mais, para garantir a efetiva apreensão do significado do fenômeno, de forma que ele não se “esvazie” e que nada dele se perca no processo de construção da notícia. (DEOLINDO, 2007, p. 9)

Também em relação à apuração, a webrevolucionou a pesquisa por informações, personagens e especialistas. A autora cita o comunicólogo J. B. Pinho, que sistematiza os propósitos gerais da pesquisa jornalística na Internet.

O primeiro é a busca de informação, que pode incluir documentos, dados, fotografias, áudio e vídeo. O segundo objetivo consiste em procurar e localizar pessoas especializadas em temas ou em assuntos que estejam sendo cobertos pelo repórter. O terceiro é o de checar determinadas informações usando recursos de referência online. O quarto objetivo estabelecido é o de analisar determinada informação, em especial dados. (PINHO apud DEOLINDO, 2007, p. 8)

O esquema da pirâmide de pé propõe uma nova interpretação da hierarquização das informações na notícia e na reportagem. Outro autor que faz mais um movimento na forma geométrica - desta vez, levando em consideração a Internet - é João Canavilhas. Para o português, uma vez que o leitor tem autonomia para guiar sua leitura, a pirâmide invertida torna-se ineficaz, sobretudo nas reportagens, por impor uma rotina de leitura herdada do jornalismo impresso (CANAVILHAS, 2005, p. 32). Explica o autor:

À lógica organizativa assente na “importância” dos factos deve suceder uma outra assente na quantidade de informação oferecida aos leitores. Se o eixo vertical que vai do vértice

superior à base da pirâmide invertida significa que o topo é mais importante que a base, então a pirâmide deve mudar de posição, procurando-se desta forma fugir à hierarquização da notícia em função da importância dos factos relatados. (CANAVILHAS, 2005, p. 33)

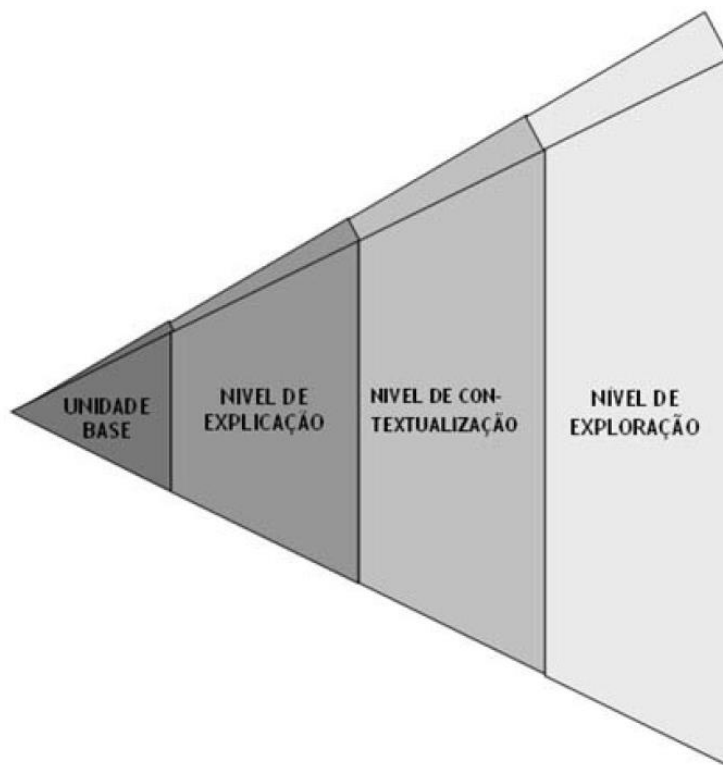
Assim como Adelmo Genro Filho, Canavilhas não nega a importância do *lead* no início do texto. Também como teórico brasileiro, defende que o alargamento da pirâmide em direção à base abre espaço para contextualização, explicação e exploração do assunto. Esses quatro elementos são divididos pelo autor em níveis de leitura, a serem expostos a seguir.

A *Unidade Base*, ou seja, o *lead*, figura no topo. Além de responder a quatro perguntas básicas (o quê, quando, quem e onde), pode ser acrescido de um texto mais elaborado, construído durante o desenvolvimento dos fatos, em constante atualização. Em seguida, o *Nível de Explicação* responde a mais duas questões (por quê e como) e oferece toda a informação essencial para o entendimento do fato (CANAVILHAS, 2005, p. 34).

Já no *Nível de Contextualização*, o autor propõe o uso da hipermídia para oferecer mais informações, como vídeo, som, infografia, ou até em texto. Por fim, na base, à direita, o *Nível de Exploração* remete a material publicado no passado e a informações a serem acessadas externamente, por meio de hiperlinks (CANAVILHAS, 2005, p. 35). Dentro desse nível cabe a característica *memória* a que Marcos Palacios atribuiu ao webjornalismo. Não à toa, João Canavilhas cita o autor baiano para embasar esta parte da pirâmide:

Da mesma forma que a “quebra dos limites físicos” na web possibilita a utilização de um espaço praticamente ilimitado para disponibilização de material noticioso, sob os mais variados formatos (multi)mediáticos, abre-se a possibilidade de disponibilização online de todas as informações anteriormente produzida e armazenada, através de arquivos digitais, com sistemas sofisticados de indexação e recuperação de informação. (PALACIOS, 2003, p. 25)

Figura 3 - A pirâmide deitada e os quatro níveis de interpretação



Fonte: CANAVILHAS, 2005, p. 34.

A espanhola Concha Edo, cujo artigo aparece antes do de Canavilhas no livro “Jornalismo Digital de Terceira Geração”, por outro lado, acredita que a pirâmide invertida continua tendo um papel importante na WEB, mas com configurações diferentes. A autora separa em dois níveis de interpretação da informação: um primeiro mais imediato, da notícia, e um segundo, com maior desenvolvimento, a reportagem (EDO, 2005, p. 16-17). Quanto ao segundo item, Edo cita os gêneros que são mais propícios à reportagem na WEB:

Os gêneros que servem para desenvolver a informação de segundo nível são a crônica, a reportagem interpretativa e a entrevista de personalidade, ou entrevista de perfil. E ainda que uma das tendências mais generalizadas aponte que a interpretação e a análise - e, inclusive, a opinião -, encontraram seu único refúgio nos diários de papel ou em um suporte com características semelhantes, o modo adequado de oferecer este tipo de informação na rede exige o uso das possibilidades da reportagem, da crônica e da entrevista hipertextuais.¹⁷ (EDO, 2005, p. 16)

¹⁷ Tradução do autor: “Los géneros que sirven para desarrollar la información de segundo nivel son la crónica y el reportaje interpretativo y la entrevista de personalidad o entrevista de perfil. Y aunque una de las tendencias más generalizadas apunta a que la interpretación y el análisis - e, incluso, la opinión -, encontrarán su único refugio en los diarios en papel o en un soporte de características semejantes, el modo adecuado de ofrecer este tipo de informaciones en la red exige utilizar las posibilidades del reportaje, la crónica y la entrevista hipertextuales.”

Tendo em vista as possibilidades tecnológicas que a webpermite ao jornalismo, Concha Edo propõe alguns pontos a serem seguidos na produção de uma reportagem na Internet. Alguns deles, como se verá a seguir, se relacionam aos níveis de interpretação mostrados por Canavilhas.

1. o texto principal, que reflita a notícia e o acontecimento que serve de base à reportagem e ao que se acessa, geralmente, através do título convertido em link; 2. os antecedentes, textuais, gráficos ou sonoros; 3. o contexto atual, 4. as reações e opiniões de diferentes especialistas e de leitores; 5. análise, valoração, proposta de futuro; 6. sempre que a notícia ou o assunto de que se trata permitirem, galeria de fotos e/ou um gráfico ou gráficos sucessivos; 7. vídeo com som de ambiente, se a informação permitir; 8. links externos relacionados ao tema; 9. fóruns, opiniões de leitores.¹⁸ (EDO, 2005, p. 17)

3.6. Infografia, dados e o enriquecimento do texto

O infografismo não é exclusivo do jornalismo, tampouco das mídias digitais, mas é nesta área da comunicação que esta modalidade jornalística visual encontra um terreno fértil para múltiplas criações, conforme identifica Adriana Alves Rodrigues, pesquisadora que tem ampla bibliografia sobre o campo. A autora lembra que esse casamento teve início nos anos 1980, no diário norte-americano USA Today, mas que a visualização de dados, na verdade, é uma herança das Ciências Exatas. A primeira obra sobre o tema foi publicada em 1977, pelo estatístico, também norte-americano, John Tukey (RODRIGUES, 2010. p. 5).

Com uma trajetória semelhante à do webjornalismo, a infografia jornalística na Internet também tem sua evolução dividida em três etapas, como propõe a autora. A primeira corresponde aos *infográficos lineares*, meras transposições de conteúdos, assim como os demais conteúdos jornalísticos. Já na segunda, *multimídia*, a multilinearidade passa a vigorar, graças a ferramentas que permitem leitura guiada pelo leitor através de vídeos, fotos, ilustrações e som. A terceira e mais recente é a dos *infográficos em base de dados*, que permite a visualização de dados e a interação através de gráficos e mapas dinâmicos (RODRIGUES, 2010, p. 9).

Uma peça infográfica serve, sobretudo, à visualização de dados. Com base em diversos autores, incluindo o infografista espanhol Alberto Cairo, Rodrigues define esse conceito como “o procedimento de ajudar na análise e compreensão da informação diante a um conjunto

¹⁸ Tradução do autor: “1. el texto principal, que refleja la noticia o el acontecimiento que sirve de base al reportaje y al que se accede, generalmente, a través del título convertido en enlace; 2. los antecedentes, textuales, gráficos o sonoros; 3. el contexto actual; 4. las reacciones y opiniones de diferentes expertos y de los lectores; 5. análisis, valoración, propuesta de futuro; 6. siempre que la noticia o el asunto que se trate los permita, galería de fotos y/o un gráfico o gráficos sucesivos; 7. vídeo con sonido de ambiente, si la información lo admite; 8. enlaces externos relacionados con el tema; y 9. foros, opiniones de los lectores.”

complexo de dados” (RODRIGUES, 2010, p. 4). Quanto à sua popularização, justifica: “A emergência da visualização de grandes volumes de dados tornou-se uma necessidade crescente na sociedade e no jornalismo, e com isso, uma forma de extrair e analisar a informação em profundidade” (RODRIGUES, 2010, p. 5).

“Informação em profundidade” é a chave para o uso desses recursos imagéticos nas reportagens jornalísticas. Segundo Claudia Irene de Quadros, os dados abrem um potencial de precisão e contextualização para as notícias (QUADROS, 2005, p. 420). Detalhando essas possibilidades, Suzana Barbosa argumenta que a base de dados pode ser uma ferramenta tanto para a produção, isto é, a apuração da reportagem, quanto para a organização e publicação das narrativas (BARBOSA apud QUADROS, 2005, p. 417).

Quanto ao âmbito de apuração apontado por Barbosa, o português António Fidalgo propõe um modelo de jornalismo investigativo que é simplificado pelas novas tecnologias. Softwares e a facilidade com que se tem acesso a dados abrem espaço para a prática da *mineração de dados*, ou seja, “a extracção não trivial, a partir de dados, de informação implícita, desconhecida e potencialmente útil” (FAYYAD et all apud FIDALGO, 2005, p. 144). O autor divide em dois momentos a “mineração”: primeiro, a percepção de relações entre os dados que sejam jornalisticamente relevantes; em seguida, começa-se a investigação de fato:

[...] num segundo momento, há efectivamente uma investigação activa, pesquisando outras relações que confirmem ou rebatam a primeira relação e a contextualizem, dando-lhe um maior ou menor alcance. Há aqui também um verdadeiro jornalismo de investigação, de coca bichinhos, de procurar novos elementos a partir da nova e inesperada relação revelada pela mineração de dados. (FIDALGO, 2005, p. 155)

Uma outra questão é observada por Quadros e faz coro à investigação defendida por Fidalgo. Assim como o *nível de exploração* da pirâmide deitada remete às potencialidades da *memória* nas mídias *online*, o resgate de informações antigas em meio aos dados é uma das possibilidades desta modalidade jornalística. A autora defende que o jornalismo tem um papel de construtor dessa memória. “Seu enquadramento temporal, contudo, é necessariamente limitado ao presente e ao passado recente. Por isso, ele precisa ser complementado pelo trabalho historiográfico” (MOREIRA & MORENO apud QUADROS, 2005, p. 413).

Porém, existe, sim, a possibilidade de remeter a um passado mais distante e buscar apoio na história, segundo a autora: “favorecido pelas tecnologias contemporâneas, de forma

quase instantânea, o jornalista encontra dados que podem ser relacionados aos fatos recentes, proporcionando uma narrativa mais profunda ao leitor/usuário” (QUADROS, 2005, p. 414).

Esses dados, a partir do momento em que se tornam visíveis em uma peça gráfica, não devem ser usados indiscriminadamente, conforme defende Teixeira: “A questão, portanto, não é apenas se o infográfico pode potencializar ou incrementar uma narrativa, mas se deve ser usado, se ao adotá-lo estar-se-á contribuindo efetivamente para a compreensão, pelo público, de um dado fenômeno” (TEIXEIRA apud RODRIGUES, 2010, p. 7).

Adriana Rodrigues, em sua dissertação de mestrado, encontrou cinco características inerentes à infografia praticada pelas redações. São elas:

1. *Cruzamento de dados*: um intercâmbio de dados das informações apresentadas graficamente;
2. *Atualização contínua*: o conteúdo é atualizado de acordo com o decorrer dos acontecimentos;
3. *Participação e customização do conteúdo*: possibilidade de o usuário adaptar a informação gráfica de acordo com seus desejos, como manusear os elementos interativos para gerar uma nova apresentação;
4. *Novos formatos de apresentação do conteúdo*: A visualização de bases de dados permite múltiplas maneiras de apresentar das informações jornalísticas, como, por exemplo, o uso de bolhas, mapas, *timelines*, tabelas e dinâmicas independentes de elementos multimídia, como vídeo, áudios, imagens, etc.
5. *Apresenta diferentes graus de interatividade*: utiliza a seguinte classificação: instrução (nível básico), manipulação (onde o usuário pode manipular os elementos gráficos no infográfico) e exploração (tipo uma imersão na infografia). (RODRIGUES, 2010, p. 10)

3.7. Um jornalismo devagar

Um dos trunfos que o webjornalismo trouxe com sua ascensão foi a convergência de mídias em um nível não visto antes. Imagem estática e em movimento, som e texto podem dividir espaço nas reportagens, complementando-se. João Canavilhas define como conteúdos convergentes aqueles que apresentam a combinação de três das características do webjornalismo já citadas neste trabalho: multimídia, hipertextualidade e interatividade.

A combinação destas três características empresta aos conteúdos a sua natureza convergente, reunindo marcas dos meios anteriores e exigindo o envolvimento ativo do

utilizador no processo de consumo da informação. O recurso aos conteúdos multimidiáticos num ambiente de hipertextualidade e interatividade proporciona aos utilizadores um conjunto de experiências imersivas (Kawamoto, 2003) que se diferenciam das que ocorrem no processo de consumo de outros produtos mediáticos. (CANAVILHAS, 2014, p. 4)

O autor português destaca que a convergência, no que se refere ao gênero reportagem, atravessou uma evolução intensa quando se difundiu no meio jornalístico o *parallax scrolling*, ou rolagem de navegação paralaxe. Essa tecnologia “permite que múltiplos planos de fundo em uma página web se movam simultaneamente em velocidades diferentes para criar uma percepção em 3D, além de enriquecer a experiência de navegação”¹⁹ (FREDERICK apud CANAVILHAS, 2014, p. 8).

Foi justamente com a tecnologia paralaxe que foi possível produzir uma revolução no webjornalismo: a reportagem “Snow Fall – The Avalanche at Tunnel Creek”²⁰, publicada em dezembro de 2012 pelo jornal The New York Times. Nela, além da navegação peculiar, os elementos multimídia, como vídeos, gráficos e múltiplas fotografias, não são meras ilustrações, mas parte essencial do todo. A divisão em capítulos, possível graças aos hiperlinks, propõe uma interatividade que induz ao leitor guiar a sua própria leitura.

A obra obteve tamanho sucesso que, além de ter sido lida por milhões de internautas, recebeu o prêmio Pulitzer e transformou o termo “Snow Fall” em conceito de reportagem, como aponta Isabela Dias (2014, p. 61). Esse foi um dos pontos altos de uma tendência de “desaceleração” do jornalismo na Internet. A jornalista lembra que isso representa o oposto do que se imaginava há anos atrás: que a leitura imersiva na web era quase inviável, conforme justifica o sociólogo galego Ignacio Ramonet: “Com seu hipertexto multicolorido e seu infinito abismo de informações fragmentadas, a Internet nos incitaria a sobrevoar textos curtos sobre múltiplos temas e nos faria perder a capacidade de ler textos longos e complexos” (RAMONET apud DIAS, 2014, p. 16).

No entanto, como provou o NYT, o oposto pode acontecer pelas mesmas razões. A autora cita diversos projetos jornalísticos que nasceram com a premissa de oferecer informações aprofundadas, narrativas multimídia e conteúdo analítico, tais como o site Vox e a ferramenta de publicação Atavist. Como será mostrado no capítulo seguinte, essa é uma das apostas também do

¹⁹ Tradução do autor: “allows multiple backgrounds in a webpage to move simultaneously at different speeds to create a 3D perception, thus enriching the browsing experience”

²⁰ Disponível em <http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/?forcedirect=yes#/?part=tunnel-creek> Acesso em 26/02/2016

Observador, sobretudo pelo fato de o veículo lusitano se caracterizar como um jornal e carregar as responsabilidades que dizem respeito à qualidade do material produzido, como defende Alberto Dines.

Em meio à multiplicidade de notícias de leitura rápida e dispersiva, alguém precisa “ordenar” o mundo, desacelerando o ritmo intenso com que as pessoas recebem informações, sobretudo através das redes sociais. Um *slow journalism*, o contrário do que se convencionou como regra para o webjornalismo instantâneo, como aponta o pesquisador norte-americano Philip Seib:

Em resposta ao crescente fluxo de informação na Internet, as organizações midiáticas talvez decidam enfatizar seu papel de fornecedores de contexto e análise. Em algum momento, até os surfistas da web mais independentes podem precisar de alguma ajuda. Dar sentido ao mundo não ficou necessariamente mais fácil só porque há mais informação disponível. (SEIB apud DIAS, 2014, p. 20)²¹

²¹ Trecho traduzido pela autora: “In response to the ever growing flow of Web-based information, news organizations might decide to emphasize their role as providers of context and analysis. At some point, even the most independent Web surfers may want a little help. Making sense of the world is not necessarily easier just because more information is available”.

4. O OBSERVADOR E AS POTENCIALIDADES DA REPORTAGEM NA WEB

O Observador é um jornal *online* lançado em 19 de maio de 2014, em Portugal. Sediado no edifício do antigo jornal “Diário Popular”, no Bairro Alto, em Lisboa. “Não é apenas um jornal em formato digital, nem a versão digital de um órgão de informação tradicional: é um jornal do tempo da Internet que compreende as novas formas de acesso à informação e procura responder-lhes”, escreve José Manuel Fernandes, co-fundador do projeto, na primeira parte da reportagem “Tudo que precisa saber sobre o Observador”, publicada em sua estreia²².

No mesmo texto, Fernandes, que foi diretor do jornal lisboeta Público, define que o Observador é uma resposta às faltas que existem em outros meios de comunicação de Portugal. Por não estar inserido em nenhum conglomerado empresarial de mídia, o *publisher* afirma que o novo meio não está preso a compromissos, ao passado e a prioridades, sendo o foco “informar de forma independente, informar de forma diferente, informar de forma mais exigente e mais respeitadora da inteligência dos nossos leitores”²³.

O autor afirma que os meios de comunicação portugueses não se adaptaram à era digital e que os jornais impressos continuam trabalhando em função da “hora do fecho”, termo equivalente ao “fechamento”, no Brasil. Também denuncia haver certo despreço pela Internet por parte das demais redações, que julgam a grande rede como “subalterna”. O Observador, em contrapartida, define-se como *ontime*, isto é, instantâneo, mas sem se restringir à notícia, ao fato, mas fornecendo a “resposta às suas interrogações [dos leitores] no exacto momento em que são formuladas”²⁴.

Além dessas características do conteúdo, o projeto propõe que leitores interajam com os jornalistas e tenham acesso às reportagens em quaisquer aparatos tecnológicos: computador, tablet e smartphone. Isso é possível, em parte, graças ao Wordpress²⁵, tecnologia adotada para facilitar a construção da página e evitar erros de programação que possam prejudicar a visualização, de acordo com o jornalista José Freitas, redator do site Wordpress Portugal²⁶. A

²² Disponível em: <http://observador.pt/explicadores/tudo-o-que-precisa-de-saber-sobre-o-observador/> Acesso em 06/06/2015

²³ Disponível em: <http://observador.pt/explicadores/tudo-o-que-precisa-de-saber-sobre-o-observador/> Acesso em 06/06/2015

²⁴ Disponível em: <http://observador.pt/explicadores/tudo-o-que-precisa-de-saber-sobre-o-observador/> Acesso em 06/06/2015

²⁵ Uma das plataformas de construção e publicação de sites e blogs mais populares do mundo.

²⁶ Disponível em: <http://wp-portugal.com/2014/11/26/observador-caso-estudo-wordpress-todo-mundo/> Acesso em 06/06/2015

ferramenta já era adotada por diferentes órgãos de imprensa, como a revista norte-americana Time²⁷ e o canal televisivo Esporte Interativo²⁸.

Apesar do clima desfavorável ao crescimento nas redações tradicionais, principalmente no Ocidente, o Observador tenta ser sustentável, e não sobreviver de “mecenato”²⁹. Foram quase dois anos gastos no desenvolvimento do plano de negócios e na busca de acionistas. A ideia original, como revela a parte “Como é que nasceu o Observador?”, a segunda na sequência da matéria especial, nasceu de conversas entre o jornalista José Manuel Fernandes, o historiador e colunista Rui Ramos, e o empresário António Carrapatoso. Os três estão entre a lista de acionistas divulgada no capítulo subsequente³⁰.

Na época de lançamento, a nova empresa empregava 40 pessoas, de 21 a 57 anos, entre jornalistas, programadores, designers, gestores, e outras funções, vários com experiência em grandes veículos midiáticos lusitanos³¹. Quase dois anos depois, a equipe ganhou 32 funcionários³². Antes da estreia, todos os membros do projeto publicaram breves apresentações pessoais em um blog do Observador na plataforma Tumblr³³, uma espécie de mistura de blogs com rede social, onde também revelam notícias dos bastidores do jornal.

O Tumblr não é a única rede social em que o Observador está presente. Páginas no Twitter³⁴, Facebook³⁵, Google +³⁶, LinkedIn³⁷ e Instagram³⁸ são atualizadas diversas vezes ao dia com as notícias e reportagens. São 15,5 mil seguidores, 218 mil curtidas, 626, 1.896 e 1.454 seguidores em cada mídia, respectivamente. O canal no YouTube, no entanto, não é tão utilizado pela produção de vídeos jornalísticos, via de regra. Lá, encontram-se principalmente conteúdos promocionais, de bastidores e vídeos-teste³⁹.

²⁷ Disponível em: <http://time.com/> Acesso em 06/06/2015

²⁸ Disponível em: <http://esporteinterativo.com.br/> Acesso em 06/06/2015

²⁹ Disponível em: <http://observador.pt/explicadores/tudo-o-que-precisa-de-saber-sobre-o-observador/02-como-e-que-nasceu-o-observador/> Acesso em 06/06/2015

³⁰ Disponível em: <http://observador.pt/explicadores/tudo-o-que-precisa-de-saber-sobre-o-observador/03-quem-e-que-sao-os-acionistas-do-observador-nao-tem-eles-uma-qualquer-agenda-oculta/> Acesso em 06/06/2015

³¹ Disponível em: <http://observador.pt/explicadores/tudo-o-que-precisa-de-saber-sobre-o-observador/04-quem-e-quem-no-observador/> Acesso em 06/06/2015

³² Disponível em: <http://observador.pt/ficha-tecnica/> Acesso em 28/02/2016

³³ Disponível em: <http://observadorontime.tumblr.com> Acesso em 06/06/2015

³⁴ Disponível em: <https://twitter.com/observadorpt> Acesso em 08/06/2015

³⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/ObservadorOnTime> Acesso em 08/06/2015

³⁶ Disponível em: <https://plus.google.com/u/0/+ObservadorPt/posts> Acesso em 08/06/2015

³⁷ Disponível em: <https://www.linkedin.com/company/observador> Acesso em 08/06/2015

³⁸ Disponível em: <https://instagram.com/observadorontime/> Acesso em 08/06/2015

³⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/observadorontime/videos> Acesso em 08/06/2015

A ausência no YouTube não significa que não haja produção de vídeos. Pelo contrário: uma das propostas do jornal é a multimidialidade. Quanto a esse tipo de mídia, a publicação de novos materiais é quase diária: 22 programas constam na página de vídeos do próprio site⁴⁰. Os formatos variam de um modelo parecido com televisão, de longa duração, a filmetes com entrevistas feitas com um smartphone⁴¹. A variedade também é temática, abrangendo moda, tecnologia, debate político, culinária, apresentações musicais e saúde. Um desses programas, o de menor duração é o “5 coisas”, que também é publicado no Facebook: uma lista diária com as cinco notícias mais importantes do dia.

Em dezembro de 2014, o Observador começou a gravar podcasts⁴² e a hospedar esse material na plataforma SoundCloud⁴³. São três transmissões, basicamente versões em áudio dos programas “Entrevista”, “Conversas à quinta” e das entrevistas com músicos seguidas de suas apresentações ao vivo na redação, todas da seção de vídeos. A exceção se deu durante a cobertura das eleições portuguesas, como se verá neste trabalho, quando foi produzido conteúdo exclusivo para veiculação na forma de podcasts. O material também é disponibilizado na loja virtual iTunes, da Apple, sem custo.

“Hoje o jornalismo não é apenas dar a conhecer ao público as últimas notícias, é cada vez mais ajudar o público a mover-se no imenso mar de informação que o rodeia, ajudá-lo a interpretar e a compreender”, escreve o *publisher* José Manuel Fernandes⁴⁴. Explicar o que acontece, de fato, é uma das preocupações do Observador. A começar pelo próprio formato de matéria adotado nesta em que Fernandes apresenta o jornal: o explicador. Os *explicadores* são reportagens divididas em perguntas, que supõem diretamente as dúvidas que o leitor pode ter. Há um link direto para a página com esse farto material⁴⁵ no cabeçalho da *home page*, ao lado das editoriais (Política, Economia, País, Mundo, Desporto, Ciência, Cultura, Lifestyle, Opinião). Além da matéria, os vídeos do “Explica-me”⁴⁶ ajudam a entender assuntos mais simples. Neles, um jornalista dispõe de 30 segundos para explicar o objeto.

⁴⁰ Disponível em <http://observador.pt/videos> Acesso em 28/02/2016

⁴¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/observadoronline/videos> Acesso em 08/06/2015

⁴² Programas em áudio produzidos para a Internet que se assemelham ao rádio

⁴³ Disponível em <https://soundcloud.com/observadorpt> Acesso em 08/06/2015

⁴⁴ Disponível em: <http://observador.pt/explicadores/tudo-o-que-precisa-de-saber-sobre-o-observador/05-em-que-e-que-o-observador-e-diferente/> Acesso em 08/06/2015

⁴⁵ Disponível em: <http://observador.pt/explicadores> Acesso em 08/06/2015

⁴⁶ Disponível em: <http://observador.pt/videos/explica-me/> Acesso em 08/06/2015

Figura 4 - A homepage do Observador, com as editorias no cabeçalho



Fonte: Observador (2016)⁴⁷

Outro modelo de reportagem diferencia o Observador do que geralmente é produzido na Internet. Se muitos portais e agregadores jornalísticos se limitam a publicar os fatos, o jornal português também supre essa demanda pela velocidade da informação, mas também investe em conteúdo mais aprofundado. Em média duas vezes por dia, reportagens *longform* são postadas na seção “Especiais”⁴⁸, em que repórteres se revezam na produção de narrativas mais longas e multitemáticas. A forma dessas matérias difere das notícias convencionais por apresentar um campo de leitura mais limpo, contendo somente o texto jornalístico, imagens e vídeos com grande destaque no tamanho, tabelas, gráficos interativos e alguns poucos banners publicitários nas laterais da tela. Tais características de forma se assemelham às de plataformas de publicação com finalidades similares, como o Medium⁴⁹ e o Atavist⁵⁰.

Uma das estratégias para manter o vínculo com o leitor é a *newsletter*, formato de boletim diário via correio eletrônico. O Observador oferece três: a “360”, com os principais acontecimentos e uma previsão do dia às 9 horas da manhã, redigida por David Dinis; a

⁴⁷ Disponível em <http://observador.pt/> Acesso em 17/02/2016

⁴⁸ Disponível em: <http://observador.pt/especiais/> Acesso em 08/06/2015

⁴⁹ Disponível em: <https://medium.com/> Acesso em 08/06/2015

⁵⁰ Disponível em: <https://atavist.com/> Acesso em 08/06/2015

“Macroscópio”, que analisa um tema por dia contendo links para diferentes textos da Internet, produzida por José Manuel Fernandes e enviada às 20 horas; e a “Hora do Fecho”, com as principais notícias do dia, às 17 horas. O leitor pode escolher em quais se inscreverá⁵¹.

Apesar do nome da *newsletter* “Hora do Fecho” fazer uma referência ao fechamento dos jornais impressos, ela não significa uma interrupção do funcionamento da redação, visto que se trata de um jornal *ontime*. Mas o Observador não deixa de ser um jornal, e carrega características do veículo de papel. Uma delas é a seção “Cartoon”, em que são publicados diariamente os quadrinhos “Pérolas a porcos”⁵², humor típico dos segundos cadernos dos diários impressos. Outra semelhança diz respeito à editoria de opinião formada por um conjunto de 20 colunistas fixos e dezenas de convidados⁵³.

Fora da recepção direta dos e-mails, em que o conteúdo é endereçado ao leitor, as empresas jornalísticas têm necessitado aprender a lidar com as redes sociais, seja tratando-as como concorrência, ou aliadas na divulgação. O Observador, segundo sua proposta, maximiza o uso dessas ferramentas. Seu diferencial, no entanto, é o fato de também ser uma rede social – e o próprio assim se define na página para anunciantes⁵⁴. O “Meu Observador”⁵⁵ permite que leitores se cadastrem e “observem” determinados tópicos temáticos, programas em vídeo e autores, sejam repórteres ou articulistas. É possível efetuar o *log-in* via Facebook ou Google+, usar o mesmo endereço cadastrado nessas contas para receber as *newsletters* e, uma vez membro da “comunidade”⁵⁶, o usuário poderá comentar as matérias. Também é possível criar um perfil com nome, foto e endereço personalizado, como <http://observador.pt/perfil/joaoasilva>.

Tanto como jornal, quanto como rede social, o Observador é gratuito, ou seja, é totalmente financiado por publicidade, como explica José Manuel Fernandes na sexta pergunta do Explicador⁵⁷. Na *homepage*, no dia 9 de junho de 2015, havia cinco anúncios. O publisher explica que, pelo menos no início da empresa, não há a pretensão de cobrar por assinaturas, o que pode ou não mudar, dependendo dos rumos que tomar a Internet. O próprio evidencia a contradição

⁵¹ Disponível em: <http://observador.pt/newsletters/> Acesso em 08/06/2015

⁵² Disponível em: <http://observador.pt/perolas-a-porcos/08-de-junho-de-2015/> Acesso em 08/06/2015

⁵³ Disponível em: <http://observador.pt/perolas-a-porcos/08-de-junho-de-2015/> Acesso em 08/06/2015

⁵⁴ Disponível em: <http://observador.pt/anunciar/> Acesso em 09/06/2015

⁵⁵ Disponível em: <http://observador.pt/meuobservador/> Acesso em 09/06/2015

⁵⁶ Disponível em: <http://observador.pt/explicadores/tudo-o-que-precisa-de-saber-sobre-o-observador/08-o-que-e-a-comunidade-observador/> Acesso em 09/06/2015

⁵⁷ Disponível em: <http://observador.pt/explicadores/tudo-o-que-precisa-de-saber-sobre-o-observador/06-quem-e-que-paga-o-observador/> Acesso em 09/06/2015

entre a publicidade na Web, que beneficia sobretudo as empresas Google e Facebook, com a queda de receita vinda desta modalidade por parte dos meios tradicionais. Entretanto, argumenta:

Nos últimos anos, em Portugal, a publicidade online cresceu sempre de ano para ano numa conjuntura em que o mercado total da publicidade caiu para metade. Em 2013 o online já representou um décimo de todo o mercado publicitário, e a tendência é para que continue a crescer muito depressa: em países com mercados mais maduros a publicidade online já representa mais um quarto do total das receitas.⁵⁸

E também, como um jornal, assume um ponto de vista, mas sem se colocar como seguidor de alguma ideologia ou partido político. De acordo com o estatuto editorial⁵⁹, o Observador é independente de forças políticas e económicas, mas promete um jornalismo atrativo, sem ser sensacionalista, e crítico, sem ser tendencioso⁶⁰. Sobre os valores que guiam sua atuação, destacam-se, no estatuto:

O Observador assume os princípios fundadores da Civilização Ocidental, derivados da antiguidade greco-romana, do Cristianismo e do Iluminismo. [...] orienta-se pelo princípio da dignidade da pessoa humana e pelos valores da democracia, da liberdade e do pluralismo. [...] vê com ceticismo as utopias dirigistas e prefere as mudanças graduais, susceptíveis de teste e de correcção. [...] coloca a liberdade no centro das suas preocupações e defende uma sociedade aberta, com instituições respeitadoras da lei e dos direitos individuais. Acreditamos que o desenvolvimento harmonioso tem de ser inclusivo e não deixar ninguém para trás.⁶¹

Todas essas características parecem ter agradado ao público português. No país ibérico, o site já ocupa a 45ª posição entre os mais acessados, mais do que o semanário Sol, a estatal RTP e o Jornal i⁶². A média de número de páginas visualizadas por visitante subiu, alcançando 2,47 páginas. O tempo diário médio gasto no site é de quatro minutos e 29 segundos. Portugal é o local de maior origem de tráfego, com 78,8%, seguido do Brasil, com 11,4%, e do Reino Unido, com 2%. Já os dados demográficos revelam que os homens graduados são maioria desse público, e acessam o site mais no trabalho e em casa⁶³.

Tais resultados contrastam com o domínio digital dos portugueses. De acordo com o Índice de Digitalidade da Economia e da Sociedade (IDES), calculado pela Comissão Europeia,

⁵⁸ Disponível em: <http://observador.pt/explicadores/tudo-o-que-precisa-de-saber-sobre-o-observador/06-quem-e-que-paga-o-observador/> Acesso em 09/06/2015

⁵⁹ Disponível em: <http://observador.pt/estatuto-editorial/> Acesso em 09/06/2015

⁶⁰ Disponível em: <http://observador.pt/explicadores/tudo-o-que-precisa-de-saber-sobre-o-observador/07-o-observador-diz-que-tem-um-ponto-de-vista-qual-e-ele/> Acesso em 09/06/2015

⁶¹ Disponível em: <http://observador.pt/estatuto-editorial/> Acesso em 09/06/2015

⁶² Disponível em: <http://www.alexa.com/topsites/countries/0/PT> Acesso em 09/06/2015

⁶³ Disponível em: <http://www.alexa.com/siteinfo/observador.pt> Acesso em 09/06/2015

Portugal avançou e superou a média da União Europeia em 2015⁶⁴. No entanto, o relatório pondera que “o maior desafio para o país é melhorar as competências digitais dos seus cidadãos e levá-los a aderirem às atividades online, para que possam participar plenamente na economia e na sociedade digitais”⁶⁵, e que metade da população não possui competências digitais básicas e 28% jamais navegou na Internet. Essas informações levam a crer que o Observador ainda aponta para um lugar do webjornalismo na sociedade, e não ocupa um lugar consolidado.

4.1 Especiais

Quando Alberto Dines reiterou diversas vezes em seu livro usado neste trabalho que o papel do jornal deveria mudar, ainda antes do advento da rede mundial de computadores, pregou sempre que as publicações zelassem mais pela qualidade de seu material. Pode-se sintetizar o que quis dizer de uma maneira bem sucinta: conforme o papel-jornal encareceu nos anos 1970, os diários precisaram cortar o espaço das notícias e, diante também da concorrência televisiva, passaram a apresentar reportagens com um aprofundamento maior dos assuntos principais.

O mesmo argumento já foi usado à exaustão, sobretudo pelos próprios jornais impressos para justificar sua sobrevivência. Num momento em que a Internet seria a grande propagadora de dados desconexos, caóticos e nem sempre verdadeiros, os jornais e revistas funcionariam como um porto seguro de credibilidade e qualidade no oceano informacional. No entanto, um horizonte começa mostrar uma realidade diferente. Existe conteúdo disseminado na web que pode “competir” diretamente com o do papel. E uma dessas fontes são os *especiais*, do Observador.

Essa espécie de “supraeditoria” não é a única, mas é uma das seções que mais utilizam propriedades do webjornalismo, como a navegação paralaxe, definida por João Canavilhas como o estilo que aparece unicamente no jornalismo praticado na web. E por ter um caráter multitemático, abrange assuntos que vão dos “leves” e “frios”, ou seja, amenidades e outros não relacionados ao factual, aos fatos de grande repercussão da política nacional e internacional.

⁶⁴ Disponível em <http://observador.pt/2016/02/24/portugal-os-avancados-da-ue-no-dominio-digital/> Acesso em 28/02/2016

⁶⁵ Disponível em <http://observador.pt/2016/02/24/portugal-os-avancados-da-ue-no-dominio-digital/> Acesso em 28/02/2016

É do senso comum profissional a máxima que atribui ao jornalismo a função de contar histórias. A reportagem “Sim, sou feliz. Mas por quê?”⁶⁶ vai nessa direção, ao revelar as histórias de quatro personagens: uma bailarina brasileira que não tem uma perna, um militar que chegou a ir ao Afeganistão, e dois desempregados (um deles, um imigrante angolano que foi tentar a vida em Portugal). Três deles foram fotografados, e seus rostos aparecem com destaque na página.

Mas se a reportagem se baseasse apenas nos singulares, cometeria o erro do sensacionalismo apontado por Adelmo Genro Filho como o equívoco da pirâmide esticada para cima. Entretanto, a repórter Mara Dionísio mesclou as visões pessoais de cada entrevistado com a da ciência. Uma psicóloga traz a literatura da área que embasa os sentimentos descobertos nas entrevistas. Apesar de o tema ser considerado “frio”, esta não é uma *reportagem fria*, no conceito de Liliana Machado, por não se referir a acontecimentos previstos. Essa *quote-story*, na verdade, é um misto de *intemporal* com *relocalizada*, já que leva em consideração a realidade portuguesa.

Assim como a citada anteriormente, “A tua família é melhor que a minha?”⁶⁷, de Catarina Marques Rodrigues, também mostra grande foco sobre as histórias pessoais. A reportagem sobre o encontro da Network of European LGBT Families Associations (NELFA) em Portugal discute a situação das chamadas “famílias arco-íris” nos países europeus, trazendo dados sobre a legalização do casamento homoafetivo e da adoção de crianças por esses casais no Velho Continente.

Neste caso, vale destacar a multimidialidade apresentada por meio dos vídeos. Os três que aparecem ao longo da página não são meras ilustrações, mas partes que ajudam a compreender o todo. Além de conter trechos mais longos das entrevistas feitas com membros das famílias e militantes dos movimentos presentes, esse material traz inúmeras imagens dos personagens citados, do evento e informações que o contextualizam. Aqui há outra *quote-story* sob a forma de *reportagem argumentativa*, devido à apresentação de argumentos em torno de ideias.

Nem só de *quote-stories* vivem os *especiais*. Um caso de *fact-story* e *reportagem interpretativa* que merece destaque é a “Espírito Santo: Cronologia da derrocada de um império

⁶⁶ Disponível em: <http://observador.pt/especiais/sim-sou-feliz-mas-porque/> Acesso em 11/02/2016

⁶⁷ Disponível em: <http://observador.pt/especiais/tua-familia-melhor-minha/> Acesso em 11/02/2016

português”⁶⁸. O hipertexto aparece por meio dos “olhos”, isto é, citações destacadas do texto principal que aparecem em tamanho maior e separadas do bloco de texto, e das fotos usadas ao longo da página, nada específico da web. Porém, a *memória* é o ponto principal deste *especial*, afinal, a repórter Ana Suspiro monta uma linha do tempo completa do colapso do Grupo Espírito Santo, um dos maiores conglomerados do país, e o fim do Banco Espírito Santo (BES). O resultado é uma história longa, que vai de 2010 a 2014, que efetivamente aproveita a falta de limitação espacial da Internet.

Diante do turbilhão de informações sobre determinado fato, não apenas na Internet, torna-se difícil ter uma compreensão apropriada do todo, uma visão macro. Isso também vale para casos brasileiros, como o esquema de corrupção na Petrobras desvendado pela Operação Lava-Jato. Comparando o caso da petroleira brasileira com o BES, Ana Suspiro explica didaticamente como se deu o inferno astral da estatal, numa cronologia semelhante, porém muito mais sucinta, à do caso Espírito Santo⁶⁹.

Figura 5 - Especial sobre o esquema de corrupção da Petrobras



⁶⁸ Disponível em <http://observador.pt/especiais/espírito-santo-cronologia-da-derrocada-de-um-imperio-portugues/>
Acesso em 11/02/2016

⁶⁹ Disponível em <http://observador.pt/especiais/petrobras-de-orgulho-do-brasil-a-espelho-do-que-vai-mal-no-pais/>
Acesso em 11/02/2016

Fonte: Observador (2015)⁷⁰

Uma das premissas das reportagens é oferecer um contexto. No caso dos *especiais*, há aquelas que se dedicam a esse fim, como “Quando a extrema-esquerda chega aos governos. Aguenta?”⁷¹. Publicada num momento em que partidos de esquerda chegaram ao poder na Grécia, na Espanha, na França e na Itália, a repórter Catarina Falcão escreveu um texto não-linear que apresenta um panorama político europeu. Analisando o cenário de nove países (Chipre, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Irlanda, Itália e Suécia), é traçado um histórico de ascensões de socialistas e comunistas ao poder e suas consequências, ou seja, formando uma *fact-story objetiva* que faz uso intenso da *memória*.

Quando dissemos que, em termos de qualidade, o conteúdo webpoderia competir com meios impressos, tratava-se dos jornais, sobretudo. E quanto ao livro-reportagem, um dos gêneros mais nobres? O Observador, nesse caso, não compete, mas adapta tal conteúdo. Foi o que aconteceu com o livro “O primeiro muçulmano: a história de Maomé”⁷², da jornalista britânica Lesley Hazleton. Nove dias após os atentados terroristas em Paris, organizados pelo grupo extremista Estado Islâmico, o jornal lusitano publicou como um *especial* o primeiro capítulo e parte do segundo da biografia lançada em português no mês anterior⁷³. O texto foi adaptado à forma de reportagem, com “olhos” e destaques de partes do escrito.

Ainda com o Islã em pauta, “Xiitas e sunitas. Catorze séculos da grande divisão do Islão”⁷⁴ foi publicada durante um período de tensão entre Arábia Saudita e Irã, em janeiro de 2016. Nuno André Martins conta a história da cisma que dividiu o islamismo após a morte do profeta Maomé e das decorrências políticas e econômicas que a rivalidade entre as duas teologias provoca atualmente. Uma herança do impresso surge nesta matéria: dois boxes, “caixas” com conteúdo adicional curto e objetivo, são usados para citar e explicar as escolas teológicas de cada grupo.

O repórter traça a trajetória do conflito após a revolução islâmica do Irã, em 1979, que representou a ascensão dos xiitas radicais ao poder. Guerra do Iraque, Primavera Árabe,

⁷⁰ Disponível em <http://observador.pt/especiais/petrobras-de-orgulho-do-brasil-a-espelho-do-que-vai-mal-no-pais/> Acesso em 11/02/2016

⁷¹ Disponível em: <http://observador.pt/especiais/coligacoes-com-extrema-esquerda-e-modalidade-comum-na-europa/> Acesso em 12/02/2016

⁷² Disponível em: <http://observador.pt/especiais/primeiro-muculmano-historia-maome/> em 12/02/2016

⁷³ Disponível em: <http://www.fnac.pt/O-Primeiro-Muculmano-Lesley-Hazleton/a923937> Acesso em 12/02/2016

⁷⁴ Disponível em: <http://observador.pt/especiais/xiitas-sunitas-grande-divisao-do-islao-dura-ha-14-seculos/> Acesso em 12/02/2016

Guerra Civil Síria e outros conflitos menores no Oriente Médio são explanados como eventos que se encaixam no jogo de influências entre as duas potências islâmicas. O *especial* possui um infográfico produzido com a ferramenta Infogr.am (a ser explicada no decorrer deste capítulo, junto com o uso da infografia pelo jornal) que ilustra a proporção de sunitas e xiitas no mundo de 1,6 bilhão de muçulmanos.

Outra linguagem que merece nessa matéria destaque é o mapa interativo da região, produzido pela organização norte-americana Council on Foreign Relations. Através de três cores, os países são divididos em maioria sunita, maioria xiita e *hotspots*, aqueles com tensões sectárias. Ao clicar sobre esses últimos, aparecem balões com a proporção de cada grupo e informações sobre os conflitos. Cabe ainda destacar as fotografias, históricas e atuais, que ocupam toda a largura da tela, e um vídeo do discurso de um clérigo xiita atacando a monarquia saudita. Pelas múltiplas fontes de informação usadas, esta reportagem é uma mesclagem de *fact* (fatos históricos) com *quote-story* (levantamento de dados) de caráter *interpretativo*.

O mesmo se aplica também a outra reportagem histórica: “Nazis de turbante e outros 10 episódios menos conhecidos da II Guerra Mundial”⁷⁵, de José Carlos Fernandes. São onze fatos do maior conflito bélico do século XX narrados em sequência numerada. Os “nazis de turbante” são um pelotão nazista formado por indianos nacionalistas que viam no conflito contra a Inglaterra a possível chance de emancipação de seu país. O islamismo também aparece quando jihadistas do Oriente Médio se aliam ao Eixo para também ver derrotado o domínio inglês sobre a região, abrindo portas para o extermínio dos judeus. O Brasil também está presente com o envio de 25 mil militares da Força Expedicionária Brasileira para lutar na Itália.

Como foi mostrado no início deste trabalho, a pesquisadora Dione Moura acredita que, além da reportagem, a entrevista é um gênero jornalístico com maior presença enunciativa do jornalista, ou seja, indo na contramão da maioria das notícias. Nos *especiais*, ela também está presente em conversas longas, cuja leitura é facilitada pelos vários “olhos” que destacam trechos no decorrer das páginas.

Um exemplo é o material que a jornalista Rita Ferreira publicou sobre o pediatra norte-americano Charles Nelson, da Universidade de Harvard, que estudou o desenvolvimento cerebral de crianças expostas a maus-tratos. O resultado está logo no título: “Crianças

⁷⁵ Disponível em: <http://observador.pt/especiais/nazis-de-turbante-e-outros-10-episodios-menos-conhecidos-da-ii-guerra-mundial/> Acesso em 14/02/2016

abandonadas têm cérebros mais pequenos e perdem massa cinzenta para sempre”⁷⁶. Outra entrevista com um cientista se deu quando Vera Novais conversou com o físico alemão Rolf Heuer⁷⁷. Ele era o diretor geral do Laboratório Europeu de Física de Partículas (CERN) quando o bóson de Higgs, também conhecido como “partícula de Deus”, foi descoberto. Nesse caso, há um uso maior da fotografia.

Ferreira também produziu uma reportagem sobre um tema que está despertando a atenção global em 2016: o vírus zika. Em “Porque é que ainda não existe uma vacina contra o zika?”⁷⁸, tenta-se responder a essa questão ouvindo cientistas, que revelam os caminhos para a criação de uma vacina, a falta de incentivo por parte da Organização Mundial da Saúde (OMS), a relutância da indústria farmacêutica e, o que tem mais destaque, a comparação com o surto de ebola na África Ocidental, o que torna a reportagem *relocalizada*. A matéria mostra como as pesquisas passam anos sem avanços, que só são destravadas quando estoura uma epidemia, postergando os resultados para depois do controle das doenças. Essa não foi a única contribuição do Observador para o entendimento sobre o zika, como se verá a seguir.

4.2. Explicadores

Com uma proposta semelhante à dos *especiais*, os *explicadores* têm um caráter mais enciclopédico. São reportagens não lineares, divididas em tópicos acessíveis por meio de *hiperlinks*, portanto, outro “gênero” que pode ser considerado exclusivo da web. Porém, não é uma iniciativa inédita. Um tipo semelhante já era publicado pelo site norte-americano Vox, que tem como lema “explicar as notícias”: os *card stacks*⁷⁹. Trata-se de conjuntos de “cartões” que equivalem a tópicos sobre um assunto. No caso dos *explicadores*, essas divisões são perguntas numeradas, mas também navegáveis via hipertexto dentro de uma página com características visuais próprias.

Como anunciamos no subtópico anterior, a cobertura do surto de zika vai além dos *especiais*. O jornal publicou em janeiro de 2016 o *explicador* “Conheça o zika, um vírus com muito por descobrir”⁸⁰, com respostas para dez perguntas, que vão da definição do vírus ao risco

⁷⁶ Disponível em <http://observador.pt/especiais/criancas-abandonadas-cerebros-pequenos-perdem-massa-cinzenta-sempre/> Acesso em 14/02/2016

⁷⁷ Disponível em <http://observador.pt/especiais/entrevista-rolf-heuer-fui-um-pouco-privilegiado/> Acesso em 14/02/2016

⁷⁸ Disponível em <http://observador.pt/especiais/ainda-nao-existe-vacina-zika/> Acesso em 14/02/2016

⁷⁹ Disponível em <http://www.vox.com/cards> Acesso em 14/02/2016

⁸⁰ Disponível em <http://observador.pt/explicadores/conheca-zika-um-virus-descobrir/> Acesso em 14/02/2016

que pode oferecer ao país. O uso do *hipertexto* em favor da *memória* é evidente aqui. O *explicador* escrito por Vera Novais é um longo agregador de conteúdos do próprio Observador e de outras fontes (publicações ou demais organizações). Neste caso, encontra-se mapas e infográficos da OMS, do jornal francês Le Figaro e do norte-americano Wall Street Journal, e de governos de países afetados pela doença. Além disso, reúne notícias “linkadas” ao longo do texto e um vídeo próprio do programete “Explica-me”, que será abordado com mais profundidade ainda neste capítulo.

Nessa mesma cobertura, o Observador produziu outra reportagem para a seção sobre a microcefalia, um problema que pode estar associado à zika. “O problema da microcefalia é maior do que ter a cabeça pequena”⁸¹, da mesma repórter, possui nove perguntas e basicamente as mesmas características do *explicador* anterior. Mas vale destacar um dos tópicos que dizem respeito especialmente ao Brasil, que revela como é feito o acompanhamento de casos no país e contém uma lista de hospitais e instituições que são referência para o tratamento.

O colapso do Grupo Espírito Santo também foi abordado por um *explicador*⁸², ainda no primeiro ano de vida do Observador. Apesar da simplicidade quanto ao uso das ferramentas usadas em outros casos, a reportagem de João Cândido da Silva, mesmo com basicamente texto, ancora o entendimento sobre a crise da empresa. Antes de chegar às perguntas que dizem respeito aos fatos mais recentes à época, primeiro, é exposto um histórico do Banco, desde a sua fundação no século XIX. Em seguida, merece destaque na pergunta “Quem manda no Grupo?” um infográfico produzido pelo próprio jornal que revela a participação acionária do GES.

A cobertura econômica portuguesa ganhou uma contribuição durante o processo de privatização da Transportes Aéreos Portugueses (TAP), um tema que gerou polêmica política. Então, já no primeiro *explicador* sobre o assunto (“Privatização da TAP: riscos e argumentos”⁸³, de David Dinis), a primeira questão provoca uma reflexão sobre a motivação da venda da empresa, se é uma questão ideológica ou uma necessidade. Ao longo das outras 15 perguntas, são abordadas as vantagens e desvantagens desta alienação por parte do Estado, como foi a recapitalização da empresa em 1994 - e por que essa alternativa não foi viável, quais eram os

⁸¹ Disponível em <http://observador.pt/explicadores/problema-da-microcefalia-maior-do-ter-cabeca-pequena/> Acesso em 14/02/2016

⁸² Disponível em <http://observador.pt/explicadores/bes/> Acesso em 16/02/2016

⁸³ Disponível em <http://observador.pt/explicadores/privatizacao-da-tap-riscos-e-argumentos/> Acesso em 16/02/2016

critérios do governo, entre outras. Terminada a venda, outro explicador⁸⁴, de Ana Suspiro, detalhava como ficaria o controle da companhia a partir de então. Também discutia, por exemplo, se o governo poderia reverter a decisão, caso os socialistas chegassem ao poder.

Cada sistema democrático no mundo tem suas peculiaridades. São regras que se restringem àquela nação e, em alguns casos, são pouco compreensíveis para estrangeiros. Quando se trata da maior democracia do mundo, o globo permanece atento, o que demanda explicações. Com o turbilhão do noticiário internacional sobre o tema, o título deste *explicador* já mostra a que veio – e por quê: “Isto é complicado: guia para não se perder nas eleições americanas”⁸⁵. Sara Otto Coelho esclarece como se dá todo o processo eleitoral dos Estados Unidos, evidenciando porque as primárias são tão importantes. Tendências dos estados, financiamento de campanha e o Colégio Eleitoral também são explicitados nas perguntas.

Figura 6 - *Explicador* sobre as eleições dos Estados Unidos



Fonte: Observador (2016)⁸⁶

⁸⁴ Disponível em <http://observador.pt/explicadores/ao-fim-de-15-anos-a-tap-foi-privatizada-e-agora/> Acesso em 16/02/2016

⁸⁵ Disponível em <http://observador.pt/explicadores/isto-complicado-guia-nao-perder-nas-eleicoes-americanas/> Acesso em 16/02/2016

⁸⁶ Disponível em <http://observador.pt/explicadores/isto-complicado-guia-nao-perder-nas-eleicoes-americanas/> Acesso em 16/02/2016

Nesse jogo de poder, uma das figuras mais midiáticas é o pré-candidato republicano Donald Trump. O bilionário, que multiplicou a fortuna que herdou com negócios no setor imobiliário e como apresentador de televisão, viu seu topete multiplicado mundo a fora graças às suas posições polêmicas – algumas consideradas racistas e misóginas. Para esclarecer quem é esse homem, o repórter Diogo Queiroz de Andrade montou um perfil de Trump em forma de explicador⁸⁷. Ele conta, além da trajetória do republicano nos negócios, seus envolvimento anteriores com a política, por quem é apoiado e contestado, como seria um eventual governo Trump e quem financia sua campanha. Utilizando a memória de diversas outras reportagens e notícias de publicações estrangeiras, também há uma pergunta dedicada às políticas que defende.

Em janeiro de 2016, cientistas confirmaram a existência das ondas gravitacionais, fenômeno físico-astronômico previsto por Albert Einstein há um século. Então, foi publicado um *explicador* sobre isso⁸⁸, que desvenda como se deu a descoberta e sua importância para a ciência, escrito por Marta Leite Ferreira. Nada, porém, que utilize muitos recursos: a multimídia e a hipertextualidade são usadas com parcimônia. No entanto, vale destacar o último tópico da reportagem, que possui uma linha temporal com os antecedentes do feito, traduzido e adaptado da revista “Science”, que mostra os esforços da astrofísica desde 1962 para firmar como verdadeira a Teoria Geral da Relatividade.

Outro *explicador* relativamente simples, mas que merece ser analisado, é “A outra Guerra Fria: Arábia Saudita vs Irã”⁸⁹, de Diogo Queiroz de Andrade. Assim como o anterior, abusa pouco das possibilidades da web. Porém, quanto à organização do assunto e ao esquema do texto, nota-se algo que é comum a todos os *explicadores*: o predomínio da pirâmide de pé proposta por Adelmo Genro Filho. Neste caso em particular, o topo singular está bem mais detalhado. Calcada no factual, a primeira divisão narra os protestos em Teerã que culminaram na invasão da embaixada Saudita e no consequente corte de relações entre as duas potências do Oriente Médio. O que provocou esse cenário e os antecedentes mais recentes representam o início da abertura do ângulo. Em seguida, cada vez mais próximo da base particular, a reportagem evidencia o papel da religião, dos Estados Unidos, e a dimensão prática deste conflito.

⁸⁷ Disponível em <http://observador.pt/explicadores/afinal-donald-trump/> Acesso em 16/02/2016

⁸⁸ Disponível em <http://observador.pt/explicadores/ondas-gravitacionais-precisa-saber-elas/07-ha-quanto-tempo-estavamos-a-procura-das-ondas-gravitacionais/> Acesso em 16/02/2016

⁸⁹ Disponível em <http://observador.pt/explicadores/outra-guerra-fria-arabia-saudita-vs-irao/> Acesso em 16/02/2016

Vimos no capítulo anterior que a forma tridimensional de Genro Filho se assemelha à pirâmide deitada de João Canavilhas – sendo a última aplicável somente à web. Como caso síntese desta teoria, vale destacar “E se os antibióticos deixarem de tratar infeções?”⁹⁰, de Vera Novais. Na unidade base, constam casos de aparecimento de super bactérias motivados por uso indevido de antibióticos. As perguntas seguintes mostram como se dá todo esse processo, inclusive apontando o uso dos medicamentos citados em animais de abate, conforme o nível de explicação. Já no de contextualização, em que a hipermídia se faz presente, são usados múltiplos mapas e infográficos produzidos por organizações de saúde, como a OMS e a *European Antimicrobial Resistance Surveillance* (ECDC), ao longo de vários tópicos, como já foi visto em outras reportagens. O nível de exploração é um dos mais presentes, afinal, para explicar um assunto de tamanha complexidade e que gerou repercussão no mundo inteiro, são necessárias ligações com conteúdos produzidos por terceiros anteriormente através dos *hiperlinks*.

4.3. Vídeos

O consumo de vídeos pela Internet é crescente e esta mídia deverá responder por 84% de todo o fluxo virtual de dados até 2018, segundo uma pesquisa feita pela fabricante de equipamentos de rede Cisco Systems⁹¹. E é nessa direção que caminham vários jornais. No Brasil, destacam-se a editoria de videojornalismo do jornal O Globo, a TV Folha (da Folha de S. Paulo) e a TV Estadão (de O Estado de S. Paulo). Nos EUA, títulos como The New York Times, Chicago Tribune, Los Angeles Times e o digital Huffington Post investem na produção de conteúdo audiovisual. Já em Portugal, o Correio da Manhã, o Jornal de Notícias, o Público e o Diário de Notícias também possuem equipes direcionadas a essa mídia. O Observador, então, seguiu a tendência.

O digital lusitano, como foi dito, publica 22 programas na WEB: “ADN”⁹², “Conversas à quinta”⁹³, “Atualidade”⁹⁴, “Pronto a vestir”⁹⁵, “Ao vivo”⁹⁶, “Verdade & Consequência”⁹⁷, “Explica-me”⁹⁸, “Entrevista”⁹⁹, “Livro de etiqueta”¹⁰⁰, “Anatomia do

⁹⁰ Disponível em <http://observador.pt/explicadores/os-antibioticos-deixarem-tratar-infecoes/> Acesso em 16/02/2016

⁹¹ Disponível em <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/videos-devem-responder-por-84-do-trafego-online-ate-2018> Acesso em 16/02/2016

⁹² Disponível em <http://observador.pt/videos/adn/> Acesso em 16/02/2016

⁹³ Disponível em <http://observador.pt/videos/conversas-2/> Acesso em 16/02/2016

⁹⁴ Disponível em <http://observador.pt/videos/atualidade/> Acesso em 16/02/2016

⁹⁵ Disponível em <http://observador.pt/videos/pronto-a-vestir/> Acesso em 16/02/2016

⁹⁶ Disponível em <http://observador.pt/videos/ao-vivo/> Acesso em 16/02/2016

⁹⁷ Disponível em <http://observador.pt/videos/verdade-consequencia/> Acesso em 16/02/2016

⁹⁸ Disponível em <http://observador.pt/videos/explica-me/> Acesso em 16/02/2016

Sucesso”¹⁰¹, “Bar aberto”¹⁰², “Eventos”¹⁰³, “Tecno”¹⁰⁴, “Comentários”¹⁰⁵, “Sensorial”¹⁰⁶, “Truques de cozinha”¹⁰⁷, “Causa comum”¹⁰⁸, “Sub30”¹⁰⁹, “Os retratos da Laurinda”¹¹⁰, “O meu armário”¹¹¹, “Equilíbrio”¹¹² e “5 coisas”¹¹³. Pelos nomes, pode-se supor que nem todos sejam estritamente jornalísticos, o que é verdade. Entre a multiplicidade de conteúdos, há programetes de culinária e até de exercícios de ioga. Alguns se aproximam mais da televisão, como o “Conversas à quinta”, de debates, que dura aproximadamente 50 minutos. Outros já são gravados com a câmara de um *smartphone*, como os dedicados a entrevistas “Sub30” e “Os retratos da Laurinda”.

Entre eles, os que se destacam por produzir reportagens de maior profundidade são “ADN”, “Atualidade” e “Causa Comum”. Este último consiste em, cada edição, focar em um projeto social distinto. Como apresenta a página do programa: “Uma figura pública escolhe uma associação de solidariedade social para apresentar aos portugueses. E nós damos a conhecer todo o trabalho feito”¹¹⁴. São reportagens frias, mas, ao mesmo tempo, intemporais. Mesmo abordando os singulares isoladamente, fazem sentido em conjunto, quando revelam um contexto particular de projetos bastante amplo.

O Atualidade, por outro lado, tem perfil múltiplo. A maior parte dos vídeos postados se refere a notícias e tem até um minuto de duração. Mesmo assim, há espaço para materiais mais aprofundados que passeiam entre diversos estilos de reportagem. “A crise dos refugiados na Europa em debate”¹¹⁵ é uma videoreportagem sobre um evento organizado para discutir a onda migratória na Europa. A *quote-story* interpretativa apresenta números de pessoas que pediram

⁹⁹ Disponível em <http://observador.pt/videos/entrevista-2/> Acesso em 16/02/2016

¹⁰⁰ Disponível em <http://observador.pt/videos/livro-de-etiqueta/> Acesso em 16/02/2016

¹⁰¹ Disponível em <http://observador.pt/videos/anatomia-do-sucesso/> Acesso em 16/02/2016

¹⁰² Disponível em <http://observador.pt/videos/bar-aberto/> Acesso em 16/02/2016

¹⁰³ Disponível em <http://observador.pt/videos/obs-eventos/> Acesso em 16/02/2016

¹⁰⁴ Disponível em <http://observador.pt/videos/tecno/> Acesso em 16/02/2016

¹⁰⁵ Disponível em <http://observador.pt/videos/programa-comentarios/> Acesso em 16/02/2016

¹⁰⁶ Disponível em <http://observador.pt/videos/sensorial/> Acesso em 16/02/2016

¹⁰⁷ Disponível em <http://observador.pt/videos/truques-de-cozinha/> Acesso em 16/02/2016

¹⁰⁸ Disponível em <http://observador.pt/videos/causacomum/> Acesso em 16/02/2016

¹⁰⁹ Disponível em <http://observador.pt/videos/sub30/> Acesso em 16/02/2016

¹¹⁰ Disponível em <http://observador.pt/videos/os-retratos-da-laurinda/> Acesso em 16/02/2016

¹¹¹ Disponível em <http://observador.pt/videos/o-meu-armario/> Acesso em 16/02/2016

¹¹² Disponível em <http://observador.pt/videos/equilibrio-2/> Acesso em 16/02/2016

¹¹³ Disponível em <http://observador.pt/videos/5-coisas/> Acesso em 16/02/2016

¹¹⁴ Disponível em <http://observador.pt/videos/causacomum/> Acesso em 17/02/2016

¹¹⁵ Disponível em <http://observador.pt/videos/atualidade/crise-dos-refugiados-na-europa-debate/> Acesso em 17/02/2016

asilo nos países do Velho Continente e ouve a visão dos especialistas que participaram do debate. Eles identificam, por exemplo, a diferença entre refugiados, geralmente de guerras, e migrantes econômicos, que abandonam condições precárias em seus países e recebem um tratamento diferente dos refugiados por parte das autoridades europeias.

Outra reportagem em vídeo que tem caráter interpretativo, porém baseada em fatos, é a “Carnes processadas: identificar o perigo não é avaliar o risco”¹¹⁶. A repórter Vera Novais esclarece questões sobre o relatório da OMS que incluiu as carnes processadas no grupo de produtos cancerígenos, lista que também inclui o tabaco. No entanto, o cerne do material consiste em desmentir interpretações equivocadas que igualam em risco os dois elementos. Ela lembra que não houve pesquisa científica, mas um compilado de dados que evidenciam uma relação entre o consumo destas carnes e o surgimento de câncer colo-retal. A divisão em perguntas, como nos *explicadores*, não é vã. Ao final do vídeo, é sugerida a leitura do *explicador* que o Observador publicou sobre o assunto.

Em “A lenda de Stingy Jack ou Jack-o’-lantern”¹¹⁷, publicada no dia das bruxas em 2015, um recurso lúdico é usado para contar a história da lenda do folclore irlandês: a animação. Esse vídeo cumpre o papel de envolver o leitor/espectador na visualização dos fatos, portanto, trata-se de uma derivação intemporal da *action-story*. A mesma técnica com o mesmo estilo também vigora em “Hans Christian Andersen nasceu há 210 anos”¹¹⁸, que narra a trajetória de um dos mais influentes autores de contos juvenis da história – Andersen escreveu “O patinho feio” e “A pequena sereia”, por exemplo. No entanto, não só de temas frios vivem as animações. Faltando um ano para as eleições presidenciais portuguesas de janeiro de 2016, o jornal publicou um vídeo¹¹⁹ que mostrava os possíveis candidatos de cada partido e as regras das eleições para o caso de haver um segundo turno.

Em alguns casos, as animações se misturam com outras linguagens visuais. Em “A língua portuguesa no mundo”¹²⁰, mapas e gráficos se alternam para contar a história do idioma no

¹¹⁶ Disponível em <http://observador.pt/videos/atuabilidade/carnes-processadas-oms-identificou-perigo-nao-avaliou-risco/> Acesso em 17/02/2016

¹¹⁷ Disponível em <http://observador.pt/videos/atuabilidade/lenda-stingy-jack-jack-lantern/> Acesso em 17/02/2016

¹¹⁸ Disponível em <http://observador.pt/videos/atuabilidade/hans-christian-andersen-nasceu-ha-210-anos/> Acesso em 17/02/2016

¹¹⁹ Disponível em <http://observador.pt/videos/atuabilidade/corrída-para-presidenciais-ja-comecou/> Acesso em 17/02/2016

¹²⁰ Disponível em <http://observador.pt/videos/atuabilidade/dois-minutos-para-conhecer-lingua-portuguesa-mundo/> Acesso em 17/02/2016

mundo, do avanço na Península Ibérica à expansão colonial através da América, da África e da Ásia. Além dos dados que revelam e qualificam os falantes, a reportagem destaca os estilos musicais conhecidos internacionalmente e os grandes nomes da literatura dos países lusófonos que ajudam a propagar o português. Se, por um lado, são centenas de milhões de adeptos desta língua, as diferenças entre as nomenclaturas também são comparadas, acompanhadas de ilustrações.

O fado, gênero musical lusitano, é um dos ritmos destacados na reportagem. Quando o Bairro Alto, em Lisboa, completou 501 anos, em 2014, o Observador produziu matérias em vídeo quentes, locais e objetivas sobre as comemorações. Uma delas destaca os concertos de fado nas ruas do bairro histórico¹²¹. A repórter ouviu diversos músicos e espectadores, em uma narrativa que lembra a televisiva, porém mais estendida. O mesmo ocorre com “Compotas, roupas e velharias? O Bairro Alto tem tudo isso”¹²², que fala da feira montada na rua do Diário de Notícias pelos moradores, que vendem itens baratos e pratos tradicionais ao som de canções natalinas.

Uma das divisões da língua portuguesa que poderiam ser citadas na reportagem da Atualidade é a sigla referente ao ácido desoxirribonucleico. No Brasil, usa-se DNA, que corresponde à versão em inglês. Em Portugal, é ADN. Esse é o nome de um dos programas que mais produzem reportagens no jornal. Apresentado por Catarina Marques Rodrigues, assim é definido em sua página: “Aqui pomos o dedo na ferida e fazemos as perguntas que ninguém faz, seja no âmbito dos direitos LGBTI, das questões de gênero, identidade racial e outras. Aqui há sempre uma perspectiva diferente sobre os assuntos. Falamos para ti, sem rodeios”¹²³.

Aproveitando a cobertura das eleições norte-americanas, produziu-se uma reportagem sobre o polêmico pré-candidato Donald Trump¹²⁴. Em cinco minutos, o programa faz uma compilação das vezes em que Trump ofendeu mulheres, de jornalistas a outras políticas, chamando-as de termos chulos. A esse conjunto, acrescenta-se a repercussão que as falas do empresário-político provocaram na Internet, e sua própria atuação no Twitter contra a emissora

¹²¹ Disponível em <http://observador.pt/videos/atualidade/o-fado-voltou-as-ruas-para-celebrar-os-501-anos-do-bairro-alto/> Acesso em 17/02/2016

¹²² Disponível em <http://observador.pt/videos/atualidade/compotas-roupas-e-velharias-o-bairro-alto-tem-tudo-isso/> Acesso em 17/02/2016

¹²³ Disponível em <http://observador.pt/videos/adn/> Acesso em 17/02/2016

¹²⁴ Disponível em <http://observador.pt/videos/adn/qual-problema-donald-trump-sexo-feminino/> Acesso em 17/02/2016

de televisão Fox News e a jornalista que o perguntou sobre as ofensas misóginas. Ao recuperar tanto conteúdo de vários canais e sites, a reportagem afirma-se documental, ou *quote-story*.

Quando o presidente Cavaco Silva rejeitou a lei que legalizava a adoção de crianças por casais homoafetivos em Portugal, o “ADN” explicou os motivos que o político usou para barrar o projeto, que já tinha sido aprovado quatro vezes pelo Parlamento¹²⁵. O Twitter, mais uma vez, mostra-se uma fonte de citações: a repercussão negativa da decisão é apresentada, seguida de um pronunciamento e uma entrevista realizada para outra edição com a deputada Isabel Moreira, uma das protagonistas nesta luta. Por fim, uma breve prospecção de futuro lembra que o novo presidente eleito em janeiro de 2016, Marcelo Rebelo de Sousa, se disse favorável à aprovação da pauta.

A matéria “Adeus vida de estudante. Olá primeiro emprego”¹²⁶ baseia-se na fala de personalidades de referência para listar uma série de conselhos para jovens que estão ingressando na vida profissional. A equipe de reportagem resgatou entrevistas e palestras dos empresários norte-americanos Warren Buffett, presidente do conglomerado Berkshire Hathaway, Tim Cook e Steve Jobs, da Apple, para extrair essas informações, além de uma citação curta de Bill Gates, da Microsoft, ao final.

Os gráficos também aparecem no ADN. O título “Elogiar a beleza de um político é pecado?”¹²⁷ pode não sugerir que se trata de uma reportagem documental, baseada em múltiplos dados. Todavia, a questão principal é uma pesquisa realizada pelo Pew Research Center entre católicos norte-americanos sobre a percepção de temas controversos para a Igreja e de configurações de família não-tradicionais, o cumprimento da liturgia e a definição de pecado. Uma das suposições pecaminosas é o assédio ao primeiro-ministro canadense Justin Trudeau, que chamou a atenção por seu porte físico. A reportagem discute se esse apelo é assédio ou simples simpatia. Portanto, num primeiro instante, ela é objetiva para, então, tornar-se argumentativa.

A questão racial também é abordada pelo “ADN”. Em 2016, a ausência de indicados negros ao Oscar repercutiu mal entre a classe artística de Hollywood. O programa¹²⁸ parte desse fato para mostrar um levantamento produzido pela BBC que revela que apenas 8% dos indicados

¹²⁵ Disponível em <http://observador.pt/videos/adn/ainda-nao-desta-nao-adocao-cavaco-gerou-indignacao/> Acesso em 17/02/2016

¹²⁶ Disponível em <http://observador.pt/videos/adn/adeus-vida-estudante-ola-primeiro-emprego/> Acesso em 18/02/2016

¹²⁷ Disponível em <http://observador.pt/videos/adn/elogiar-beleza-um-politico-pecado/> Acesso em 18/02/2016

¹²⁸ Disponível em <http://observador.pt/videos/adn/os-negros-nao-sao-nomeados-os-oscars/> Acesso em 18/02/2016

nos últimos 20 anos são negros. Em seguida, aparecem opiniões distintas sobre o boicote que atores negros anunciaram contra a maior premiação do cinema mundial. Mas o caráter argumentativo predomina mais uma vez quando a própria reportagem combate o argumento contra a manifestação de que não houve filmes bons protagonizados por negros, listando os papéis interpretados por artistas afrodescendentes e que foram ignorados pelos jurados.

Quanto ao Brasil, um vídeo sobre os casos de ataques racistas contra mulheres negras (a jornalista Maria Júlia Coutinho e as atrizes Taís Araújo e Cris Vianna) foi além e mostrou os protestos silenciosos organizados pela organização não-governamental Criola. A ONG colocou *outdoors* com as mensagens de ódio próximos às residências das pessoas que as publicaram. A repórter Catarina Marques Rodrigues também gravou uma entrevista por videoconferência com a fundadora da organização, Jurema Werneck, que comentou os acontecimentos e contextualizou a situação da população negra no Brasil.

4.4. O uso da infografia

A infografia no webjornalismo é uma ferramenta que só é possível graças ao hipertexto, que permite sua publicação. Já a apuração dos dados que alimentam essas produções, como já foi mostrado neste trabalho, foi imensamente facilitada com os *softwares* desenvolvidos e disseminados nos últimos 20 anos. Nos jornais impressos, os infográficos costumam ser criados pelas editorias de arte, que contam com a habilidade de designers especializados. No Observador, essa tendência também existe, mas nota-se que até mesmo os repórteres podem produzir peças utilizando ferramentas externas e gratuitas de visualização de dados.

O Observador tinha poucos meses de vida quando Leo Xavier e Nuno André Martins conseguiram imputar valores monetários relativos a uma década em uma página simples e interativa. O infográfico reúne todo o orçamento do Estado português, receitas e despesas, separados em lados opostos¹²⁹. Ao clicar sobre uma dessas opções, aparecem leques contendo os itens de cada seção. Por exemplo, nos gastos estão incluídos dos juros da dívida pública às despesas com pessoal, e nas despesas constam tipos de impostos, contribuição social, etc. E ao clicar em cada um desses tópicos, aparece um gráfico de linha com a evolução nos últimos dez anos e uma breve explicação do contexto.

¹²⁹ Disponível em <http://observador.pt/2014/10/31/infografia-interativa-contas-estado-numa-decada/> Acesso em 18/02/2016

Figura 7 - Infográfico interativo sobre o orçamento do Estado português



Fonte: Observador (2014)¹³⁰

Às vezes, a infografia vem incorporada a um *especial*, como acontece com o material montado por Andreia Reisinho Costa com os resultados das eleições presidenciais desde 1976¹³¹. Além dos percentuais de cada candidato, estão lá também os níveis de abstenção. Tudo em uma imagem vertical e estática. Esses são exemplos de gráficos produzidos por designers do próprio jornal, interativos ou não. Porém, nem sempre eles passam pelas mãos de profissionais do desenho, como será visto a seguir.

Milton Cappelletti usou a ferramenta StoryMapJS para construir um mapa interativo das principais áreas de proteção ambiental portuguesas¹³². Pode-se navegar clicando nos ícones localizados no mapa ou linearmente, logo abaixo, com as setas que apontam um percurso com imagens e descrições dos paraísos naturais. Em outra ocasião, o jornalista fez uso do ThingLink para detalhar as etapas do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. Enumeradas, as fases se desdobram em balões com descrições ao serem clicadas. Junto com Edgar Caetano,

¹³⁰ Disponível em <http://observador.pt/2014/10/31/infografia-interativa-contas-estado-numa-decada/> Acesso em 18/02/2016

¹³¹ Disponível em <http://observador.pt/especiais/infografia-ja-ganhou-ja-perdeu-nas-presidenciais/> Acesso em 18/02/2016

¹³² Disponível em <http://observador.pt/2014/07/28/mapa-interativo-conheca-algumas-das-areas-protegidas-pais/> Acesso em 18/02/2016

também tornou visual o crescimento econômico europeu. O mapa mostra, ao ser clicado, o crescimento do Produto Interno Bruto de cada país no primeiro trimestre de 2015¹³³. Os países são classificados segundo um sistema de cores.

O Infogr.am é uma das ferramentas preferidas dos jornalistas, por ser direcionada aos leigos em relação ao design. Ela permite que sejam construídas diversas modalidades de infográficos, de mapas a “pizzas”. Na reportagem “Glossário: um muçulmano é um árabe? Não”¹³⁴, parte da cobertura dos atentados em Paris que já foi mencionada anteriormente neste capítulo, a repórter Marta Leite Ferreira torna o recurso visual parte diluída na narrativa. Sua reportagem interpretativa intemporal usa muitos dados e números, que são “domesticados” em várias peças gráficas.

Mapas separando árabes de muçulmanos não-árabes, países com população islâmica considerável e quantidade e proporcionalidade dos adeptos desta fé nos países europeus foram montados. Dois gráficos “pizza” revelam os países com as maiores populações muçulmanas do mundo e as regiões da Europa com maior população deste grupo – este último pode ter o critério alternado entre o número total e a porcentagem em relação ao todo. Outro gráfico interativo, também com as duas classificações possíveis, tem a forma de retângulo e contém os dez países com maior percentagem de muçulmanos.

¹³³ Disponível em <http://observador.pt/2015/05/13/onde-esta-o-crescimento-economico-na-zona-euro/> Acesso em 18/02/2016

¹³⁴ Disponível em <http://observador.pt/2015/11/17/glossario-um-muculmano-nao-um-arabe/> Acesso em 18/02/2016

Figura 8 - Infográfico em forma de mapa feito com o Infogr.am



Fonte: Observador (2015)¹³⁵

A mesma repórter também produziu um levantamento a cerca do histórico das bombas nucleares¹³⁶. Desta vez, no entanto, a narrativa está contida em uma só peça, longa. Há, por exemplo, a estimativa da quantidade de ogivas de cada nação, sua evolução desde o fim da II Guerra Mundial, o total de testes nucleares (que pode ser classificado entre terrestres e subterrâneos) e a energia liberada por eles. Organização parecida também apresenta o “Quanto devo beber?”¹³⁷, que revela o teor alcoólico de cada bebida, o consumo por idade e as preferências em Portugal e a idade em que se começa a beber e o consumo médios entre adultos nos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE).

4.5. A cobertura eleitoral e o fact checking

As eleições legislativas portuguesas, no fim de 2015, e as presidenciais, em janeiro de 2016, receberam uma ampla cobertura do Observador. Além do dia-a-dia da campanha¹³⁸, os

¹³⁵ Disponível em <http://observador.pt/2015/11/17/glossario-um-muculmano-nao-um-arabe/> Acesso em 18/02/2016

¹³⁶ Disponível em <http://observador.pt/2016/01/07/infografia-historia-dos-testes-nucleares/> Acesso em 18/02/2016

¹³⁷ Disponível em <http://observador.pt/2016/01/09/infografia-vai-beber-fim-semana-precisa-saber-consumo-alcool/> Acesso em 18/02/2016

¹³⁸ Disponível em <http://observador.pt/topico/campanha-dia-a-dia/> Acesso em 19/02/2016

comentaristas de política do jornal gravavam podcasts contendo análises¹³⁹. Também ficou disponível uma calculadora de coligações entre os partidos¹⁴⁰, que determinava as vagas ocupadas no Parlamento de acordo com as possibilidades indicadas pelo leitor. Outra ferramenta interativa foi o Guia Eleitoral¹⁴¹, que mostrava as propostas de cada partido para 16 áreas da administração pública. O leitor pode classificar as propostas por área ou por partido/coligação.

A reportagem se faz presente em outras áreas da cobertura. Em “15 questões eleitorais. O que está em causa nestas eleições”¹⁴², como indica o título, 15 assuntos são tratados com uma extensa análise de dados, de educação a mercado de trabalho. Para cada um, os repórteres produziram um *especial* contendo, como já foi revelado neste trabalho, o uso intenso do hipertexto e da multimidialidade através de citações destacadas, infográficos e tabelas.

Outra frente de reportagem dedicou-se a checar as afirmações de cada candidato ao parlamento e à Presidência da República, uma modalidade que nasceu no impresso, mas que tornou-se mais frequente no webjornalismo, chamada *fact-checking*¹⁴³, ou checagem de dados, em tradução livre. Como esclarece a jornalista Elisa Clavery, o repórter investe na apuração de dados e na produção de reportagens argumentativas, que visam qualificar a veracidade das palavras do político.

De acordo com o ideal do fact-checking, todo conteúdo deve ser comprovado e as provas devem ser mostradas ao leitor, para que se estabeleça uma relação de confiança mútua. No fact-checking, o jornalista não é mais o profissional que aponta as verdades, mas aquele que mostra o caminho para o leitor reconhecer o que é verdadeiro. (CLIVERY, 2015. p. 2)

A pesquisa da autora constatou que essa forma de obter credibilidade perante o leitor pode se dar através da inserção de *hiperlinks* direcionando o internauta até a fonte primária dos dados, para que este possa também fazer a checagem. Grande parte dos sites analisados por Clavery usam uma espécie de medidor para classificar as afirmações analisadas, que podem variar de forma: termômetro, algo parecido com velocímetro, etc. No caso do Observador, essa estratégia para facilitar a compreensão também vigora por meio dos seguintes selos: certo, praticamente certo, esticado, inconclusivo, enganador e errado.

¹³⁹ Disponível em <http://observador.pt/videos/legislativas-2015/> Acesso em 19/02/2016

¹⁴⁰ Disponível em <http://observador.pt/interativo/calculadora-de-coligacoes/> Acesso em 19/02/2016

¹⁴¹ Disponível em <http://observador.pt/interativo/guia-eleitoral-2015/> Acesso em 19/02/2016

¹⁴² Disponível em <http://observador.pt/2015/10/03/15-questoes-eleitorais-o-que-esta-em-causa-nestas-eleicoes/> Acesso em 19/02/2016

¹⁴³ Disponível em <http://observador.pt/pesquisa/?q=fact-check> Acesso em 19/02/2016

O jornalismo literário, aquele que pede emprestado alguns aspectos da parente literatura, é uma das estrelas dessa cobertura. Não houve uma produção constante de reportagens neste estilo, mas uma em especial “coroando” o fim do processo eleitoral presidencial. A repórter Maria João Avillez construiu um perfil, em forma de *especial*, do presidente eleito Marcelo Rebelo de Sousa que, se fosse publicado em papel, sairia na revista *piauí* ou *The Atlantic*, ícones do jornalismo literário no Brasil e nos Estados Unidos, respectivamente, por exemplo. “Marcelo. Afinal, quem é este homem?”¹⁴⁴ é tão grande que foi dividida em dez partes, acessíveis também por um índice com *hiperlinks*. A multimidialidade também se faz presente. Fotografias históricas da trajetória do político são usadas ao longo do texto, isoladamente ou em forma de galeria, o que auxilia a leitura na tela e enriquece a narrativa.

¹⁴⁴ Disponível em <http://observador.pt/especiais/marcelo-afinal-homem/> Acesso em 19/02/2016

5. CONCLUSÃO

Não é tarefa fácil concluir algo sobre um objeto em mutação. O webjornalismo ainda é um adolescente e sua personalidade há de amadurecer. Por mais que se diga que o futuro a ele pertence, sua rebeldia o faz relutar em assumir tamanha responsabilidade. Os jornalistas de hoje estão criando essa criatura que, se tudo der certo, poderá competir um dia em pé de igualdade com seus irmãos dos outros meios de comunicação.

Enquanto a poeira do horizonte não baixa, o Observador pode ser usado para iluminar alguns caminhos possíveis, que já começaram a ser pavimentados no passado. Vale ressaltar que os modelos de reportagem utilizados para classificar as matérias do webjornal têm como origem as mídias impressas, sobretudo. Portanto, uma ruptura total com os outros meios além da web pode ser considerada equivocada.

Foi visto que as ferramentas desenvolvidas nas últimas duas décadas contribuíram para o enriquecimento do texto jornalístico na web, mas que sua total integração às redações ainda não é plena e carece de adaptação, que está acontecendo. Atualmente, por exemplo, um leigo pode produzir peças gráficas sem necessitar qualificação técnica específica, graças às interfaces intuitivas.

Plataformas que oferecem ambientes de leitura limpos e imersivos são outros grandes ganhos para as redações digitais, que podem disponibilizar conteúdo de maior aprofundamento. Ganha o leitor, que enxerga mais longe e constrói conhecimento, e ganha o jornal, que conquista credibilidade a partir do momento em que cativa público e mostra seu potencial. O estudo de caso abordado neste trabalho, porém, não dá conta da totalidade do webjornalismo. Trata-se, somente, de um exemplo cujos integrantes se propõem a produzir jornalismo utilizando técnicas e ferramentas.

Restam, no entanto, numerosos entraves para a evolução do webjornalismo a serem discutidos nos campos profissional e acadêmico. Um deles é o filtro da Internet, imposto por algoritmos de mecanismos de buscas e redes sociais, que podem impedir o acesso do usuário ao conteúdo jornalístico que é publicado nesses lugares virtuais. Grandes jornais, inclusive, acusam a rede Facebook de limitar o alcance de suas postagens.

Outra questão relevante para pesquisas futuras é a segmentação do jornalismo *on-line*. Um dos motivos pelos quais o Observador foi escolhido para ser estudado é o fato de ser um jornal generalista. Há uma tendência em todo o mundo de criação de websites focados em

assuntos específicos, como se as editorias dos jornalões de desfizessem numa grande fragmentação da Pangea.

Um movimento que tem havido nos Estados Unidos que merece atenção dos acadêmicos é a concentração da mídia digital da mesma forma que ocorre com os meios analógicos e de radiodifusão. São iniciativas cujo material jornalístico busca a excelência, porém, em alguns casos, pertencem a grandes conglomerados empresariais. Nota-se, como exemplo, a Vox Media e a IBT Media.

A primeira, que recebeu capital do Vale do Silício, é dona dos sites Vox¹⁴⁵ (jornalismo interpretativo), The Verge¹⁴⁶ e re/code¹⁴⁷ (tecnologia), SB Nation¹⁴⁸ (esportes), Eater¹⁴⁹ (gastronomia) e outros três. Já a IBT possui o International Business Times¹⁵⁰ (economia), Medical Daily¹⁵¹ (saúde), iDigital Times¹⁵² (tecnologia), Latin Times¹⁵³ (generalista, com foco no público latino dos EUA) e a revista impressa Newsweek¹⁵⁴, que quase faliu, foi comprada pelo grupo, tornou-se digital, regressou ao papel e voltou a ser lucrativa. Há um movimento nesse caso em particular que, por si só, merece um estudo.

Movimento contrário teve o Business Insider, maior site de economia dos Estados Unidos, que também fundou o Tech Insider, sobre tecnologia, ciência e inovação. Em 2015, foram comprados por US\$ 450 milhões pela editora Axel Springer, maior publicadora de revistas da Alemanha¹⁵⁵. Apesar de aparentemente segmentados, esses e outros sites norte-americanos, em muitas vezes não se restringem à cobertura dos assuntos que supostamente lhes competem. Há de se investigar que tipo de segmentação é esta.

Outro terreno fértil à pesquisa está próximo à área abordada neste trabalho: jornais digitais. Na Espanha surgiram três somente a partir de 2012. Será que El Diario¹⁵⁶, infoLibre¹⁵⁷ e

¹⁴⁵ Disponível em <http://vox.com/> Acesso em 20/02/2016

¹⁴⁶ Disponível em <http://theverge.com/> Acesso em 20/02/2016

¹⁴⁷ Disponível em <http://recode.net/> Acesso em 20/02/2016

¹⁴⁸ Disponível em <http://www.sbnation.com/> Acesso em 20/02/2016

¹⁴⁹ Disponível em <http://www.eater.com/> Acesso em 20/02/2016

¹⁵⁰ Disponível em <http://www.ibtimes.com/> Acesso em 20/02/2016

¹⁵¹ Disponível em <http://www.medicaldaily.com/> Acesso em 20/02/2016

¹⁵² Disponível em <http://www.idigitaltimes.com/> Acesso em 20/02/2016

¹⁵³ Disponível em <http://www.latintimes.com/> Acesso em 20/02/2016

¹⁵⁴ Disponível em <http://www.newsweek.com/> Acesso em 20/02/2016

¹⁵⁵ Disponível em <http://www.businessinsider.com/axel-springer-acquiresbusiness-insider-for-450-million-2015-9> Acesso em 20/02/2016

¹⁵⁶ Disponível em <http://www.eldiario.es/> Acesso em 21/02/2016

¹⁵⁷ Disponível em <http://www.infolibre.es/> Acesso em 21/02/2016

El Español¹⁵⁸ poderão um dia competir de igual para igual com os tradicionais El País, El Mundo e ABC? No Brasil, em 2015, já durante a produção deste trabalho, o jornal Nexo¹⁵⁹ nasceu com uma proposta semelhante à do Observador e à do site Vox, de fazer compreender as notícias.

O que todos os casos têm em comum é o jornalismo aprofundado. Uma possível resposta ao desgaste do modelo de agregação praticado por grandes portais, como Yahoo!, MSN, Terra e iG, mas também por jornais de pequeno e médio porte que dispõem de poucos recursos. Mais do que saber o que houve, existe uma demanda por parte do público de querer saber sempre mais, porque informação é útil à humanidade. Afinal, “o homem se informa para sobreviver” (DINES, 1986, p. 68)

¹⁵⁸ Disponível em <http://www.elespanol.com/> Acesso em 21/02/2016

¹⁵⁹ Disponível em <http://nexojornal.com.br/> Acesso em 21/02/2016

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDOEL, Jo & DEUZE, Mark. Network Journalism: Converging Competences of Media Professionals and Professionalism. In: Australian Journalism Review, n. 23, p. 91-103, 2001.

CANAVILHAS, João. *A reportagem paralaxe como marca de diferenciação da Web*. In: REY, Paula Requeijo & PISONERO, Carmen Gaona. *Contenidos innovadores en la Universidad Actual*. Madrid: McGraw-Hill Education, 2014.

CANAVILHAS, João. *WEBJORNALISMO: Considerações gerais sobre jornalismo na web*. In: I Congresso Ibérico de Comunicação, 2001, Málaga.

CANAVILHAS, João. *Webjornalismo: Da Pirâmide invertida à pirâmide deitada*. In: BARBOSA, Suzana (Org.). *Jornalismo Digital de Terceira Geração*. Lisboa: Labcom – Universidade da Beira Interior, 2005.

CLIVERY, Elisa Cristina Sá Fortes. *Fact-checking: jornalismo de checagem da política midiaticizada*. Monografia (graduação em comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientadora: Cristina Rego-Monteiro da Luz. Rio de Janeiro, 2015, 66 p.

COSTA, Cristiane Henriques. *Escritores jornalistas no Brasil – 1904/2002*. 2004. 390 p. Tese (doutorado em comunicação). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

DEOLINDO, Jacqueline da Silva. *O jornalismo de Adelmo Genro Filho e as novas tecnologias: revisitando conceitos*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos.

DIAS, Isabela Alhadef. *De Hiroshima a Snow Fall: as permanências, mutações e possibilidades do jornalismo narrativo de forma longa na Web*. Monografia (graduação em comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientador: Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro, 2014, 88p.

DINES, Alberto. *O papel do jornal: uma releitura*. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

DOS SANTOS, Ana Lúcia Prado Reis. *Informação fast-food. Um estudo de caso do jornal “Último Segundo” do portal iG*. Dissertação (mestrado em comunicação). 83 p. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

EDO, Concha. *El lenguaje y los géneros periodísticos en la narrativa digital*. In: BARBOSA, Suzana (Org.). *Jornalismo Digital de Terceira Geração*. Lisboa: Labcom – Universidade da Beira Interior, 2005.

FERRARI, Maria Helena & SODRÉ, Muniz. *Técnica de Reportagem: Notas sobre a Narrativa Jornalística*. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

FIDALGO, António. *Data Mining e um novo jornalismo de investigação*. In: BARBOSA, Suzana (Org.). *Jornalismo Digital de Terceira Geração*. Lisboa: Labcom – Universidade da Beira Interior, 2005.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2012.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes & SANTOS, Marli dos. *Reportagem: narrativa em muitos estilos*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2014. Foz do Iguaçu.

GRANADO, António. *Os media portugueses na Internet*. Disponível em: <<http://ciberjornalismo.com/mediaportugueses.htm>>. Acesso em 02/02/2016.

KINDERMANN, Conceição Aparecida. *A reportagem jornalística no Jornal do Brasil: desvendando as variantes do gênero*. 141 p. Dissertação (mestrado em ciências da linguagem). Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, 2003.

MIELNICZUK, Luciana. *Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia escrita hipertextual*. Tese (doutorado em comunicação). 246 p. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

MIELNICZUK, Luciana. *Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web*. In: MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Org.). *Modelos de Jornalismo Digital*. Salvador: Edições GJOL; Calandra, 2003.

MOUILLAUD, Maurice. *A crítica do acontecimento ou o fato em questão*. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *O jornal: da forma ao sentido*; trad. Sérgio Grossi Porto. 3. ed. rev. ampl. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

MOURA, Dione Oliveira. *O relato jornalístico: além do atual, do singular e do extraordinário*. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *O jornal: da forma ao sentido*. 3. ed. rev. ampl. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

PALACIOS, Marcos. *Jornalismo Online, Informação e Memória: Apontamentos para debate*. Texto apresentado nas Jornadas de Jornalismo Online na Universidade da Beira Interior, Portugal, 21 e 22 de junho de 2002.

PALACIOS, Marcos. *Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória*. In: MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Org.). *Modelos de Jornalismo Digital*. Salvador: Edições GJOL; Calandra, 2003.

PALACIOS, Marcos; MIELNICZUK, Luciana; BARBOSA, Suzana; RIBAS, Beatriz & NARITA, Sandra. *Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro*. SALVADOR: Universidade Federal da Bahia, 2001.

QUADROS, Claudia Irene. *Base de dados: a memória extensiva do jornalismo*. In: Em Questão, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 409-423, jul./dez. 2005.

QUADROS, Claudia Irene. *Uma breve visão histórica do jornalismo on-line*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002. Salvador.

RIBEIRO, Ana Paula Goulard. *Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950*. In: *Estudos Históricos*, n. 31, 2003. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV.

RODRIGUES, Adriana Alves. *Visualização de dados na construção infográfica: abordagem sobre um objeto em mutação*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul.

SEIXAS, Lia. *Gêneros jornalísticos digitais: Um estudo das práticas discursivas no ambiente digital*. XIII Encontro Anual da COMPÓS, São Bernardo do Campo, 2004.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.